



A questão social

No contexto da covid-19 na América Latina

Diagnóstico da situação
socioeconômica e ambiental na
América Latina e no Caribe

CENTRO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO
OBSERVATÓRIO SOCIO-ANTROPOLÓGICO PASTORAL

Coleção Documentos Celam para o Debate

No. 01

A questão social

No contexto da covid-19 na América Latina

Diagnóstico da situação
socioeconômica e ambiental na
América Latina e no Caribe

CENTRO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO
OBSERVATÓRIO SOCIO-ANTROPOLÓGICO PASTORAL

Editorial CELAM

Carrera 5 N° 118-31
PBX: (571) 587 97 10,
ramais 307 - 345 e 351
editora@celam.org

Presidente do CELAM

Dom. Miguel Cabrejos Vidarte,
OFM Arcebispo de Trujillo, Peru

1º Vice-presidente do CELAM

Card. Odilo Pedro Scherer
Arcebispo de São Paulo, Brasil

2º Vice-presidente do CELAM

Card. Leopoldo José Brenes
Arcebispo de Managua, Nicarágua

**Presidente do Conselho
de Assuntos Econômicos**

Dom. Rogelio Cabrera López
Arcebispo de Monterrey, México

Secretário Geral

Dom. Jorge Eduardo Lozano
Arcebispo de San Juan de Cuyo, Argentina

Secretário Geral Adjunto

Pbro. David Jasso
Arquidiocese de Monterrey, México

Diretor do projeto

Dr. Agustín Salvia

Compiladores

Dr. Agustín Salvia e Victoria Taboada
Rede de Observatórios da Dívida Social na América Latina e o
Caribe (RedODSAL) Organização de Universidades Católicas da
América Latina e o Caribe (Oducal)

Direção editorial

Dr. Fernando Vásquez Rodríguez e Dr. Óscar Elizalde Prada

Coordenação editorial

Sra. Deisy Mendoza Sánchez

Colaboradores

Dom. Jaime Mancera Casas e Dra. María del Pilar Silveira Equipe
de Reflexão Teológico-Pastoral do CELAM
Corretor de estilo
Julio Eduardo Mateus

Design e diagramação

Henry Alexander Ruiz A

Conselho do Centro de Gestão do Conhecimento do CELAM

Card. Oscar Andrés Rodríguez (Coordenador) • Dom. Jaime Calderón (subcoordenador) • Card. Odilio Scherer • Dom. Jorge Eduardo Lozano
Mons. Pedro Ossandon • Dom. Pierre André Dumas • Dom. Jaime Mancera • Dom. José Dolores Grullón • Pbro. David Solano
Pbro. Enrique Quiroga • Pbro. Peter Hughes • Irmã. Maricarmen Bracamonte • Dra. Waleska Sanabria • Dra. María Clara Bingemar Dr. Rodrigo
Guerra • Dr. Adrián Arias • Dr. Juan Esteban Belderraín • Dr. Juan Carlos Nuñez.

Equipe do Centro de Gestão do Conhecimento

Mg. Guillermo Sandoval (Diretor interino) • Dr. Agustín Salvia (Coordenador Área Observatório Socioantropológico-Pastoral) Mg. Francisco
Campos (Coordenação Área Conhecimento Compartilhado).

Com as devidas licenças eclesásticas. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida total ou parcialmente por
qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito do CELAM.

© Conselho Episcopal Latino-americano, CELAM

Carrera 5 N.º 118-31
Apartado Aéreo 51086
Tel.: (571) 587 97 10
Fax: (571) 587 97 17
celam@celam.org

Índice

Apresentação	7
---------------------------	---

Parte I: América Latina e Caribe dentro do contexto da Covid-19

Nossas Dívidas Sociais

A. Necessidade de se ocupar dos problemas estruturais agravados	11
B. Necessidade de uma ecologia humana integral para um bom-viver sustentável	13
C. Necessidade de uma cultura do encontro	15

Resumo do estudo	19
-------------------------------	----

1. Sonho Ecológico (Aspectos que o afetam)

Economia, trabalho digno e proteção social	19
Meio ambiente e mudança climática	21
Saúde e sistemas de saúde	22

2. Sonho Social (Aspectos que o afetam)

Desigualdade, pobreza e desamparo social	23
Marginalidade, exclusão e segregação social	24
Os novos descartados sociais	25
Situação das infâncias e das adolescências	26

3. Sonho Cultural (Aspectos que o afetam)

Paz social, democracia e direitos humanos	28
Mudanças sociais nas relações familiares, de gênero e geracionais	30

Parte II: Contribuição Teológico-Pastoral

Introdução	31
A experiência da fragilidade humana	32
experiência da presença salvífica do ressuscitado	33
A Igreja e seu serviço ao mundo contemporâneo	34
Horizontes e pistas para a ação	36
Chamados a promover a fraternidade universal e a amizade social em nossa casa comum	36
Chamados a promover a cultura do encontro no meio dos conflitos	38
Chamados a ser artesãos da paz unindo esforços com outros	39
Chamados a promover uma política de fraternidade, responsável, solidária, amiga dos pobres	39
Chamados a incentivar um novo pacto educativo para um humanismo solidário	40
Para continuar o diálogo	42

O Centro de gestão do Conhecimento agradece a participação da Rede de Observatórios da Dívida Social da América Latina, (Red Odsal), de Maneira especial a particular colaboração de Victoria Taboada, membro do Observatório da Dívida social da Universidade Católica da Argentina, na compilação e integração da informação apresentada neste documento. Da mesma forma, agradecemos a contribuição teológica-pastoral realizada por Jaime Mancera Casas e Maria del Pilar Silveira, integrantes da Equipe de Reflexão Teológico-Pastoral do Celam.

A universidade católica, a par de qualquer outra Universidade, está inserida na sociedade humana. Para a realização do seu serviço à Igreja, ela é solicitada-sempre no âmbito que lhe é própria- a ser instrumento cada vez mais eficaz de progresso cultural quer para os indivíduos quer para a sociedade.

As suas atividades de investigação, portanto, incluirão o estudo dos graves problemas contemporâneos, como a dignidade da vida humana, a promoção da justiça para todos, a qualidade da vida pessoal e familiar, a proteção da natureza, a procura da paz e da estabilidade política, a repartição mais equânime das riquezas do mundo e uma nova ordem económica e política, que sirva melhor a comunidade humana a nível nacional e internacional. A investigação universitária será dirigida a estudar em profundidade as raízes e as causas dos graves problemas do nosso tempo, reservando atenção especial às suas dimensões éticas e religiosas.

Quando for necessário, a Universidade Católica deverá ter a coragem de proclamar verdades incômodas, verdades que não lisonjeiam a opinião pública, mas que, no entanto, são necessárias para salvaguardar o autêntico bem da sociedade.

(Constituição apostólica Ex Corde Ecclesiae do Sumo Pontífice João Paulo II sobre as universidades católicas, 32, 15 de agosto de 1990).





Apresentação

Mas isto não basta, como não bastam os investimentos realizados, privados ou públicos, as dádivas e empréstimos concedidos. Não se trata apenas de vencer a fome, nem tampouco de afastar a pobreza. O combate contra a miséria, embora urgente e necessário, não é suficiente. Trata-se de construir um mundo em que todos os homens, sem exceção de raça, religião ou nacionalidade, possam viver uma vida plenamente humana, livre de servidões que lhe vêm dos homens e de uma natureza mal domada; um mundo em que a liberdade não seja uma palavra vã.

Paulo VI Populorum Progressio, 47, 1967

O panorama social apresentado pelo continente latino-americano nos permite ver que, apesar do acúmulo de bens que a Providência depositou nele em benefício de seus habitantes, nem todos eles desfrutam efetivamente de um tesouro tão rico, pois muitos de seus habitantes -especialmente entre os trabalhadores do campo e da cidade- ainda vivem em situação de angústia.

I Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Rio de Janeiro, 1955

A América Latina parece viver ainda sob o signo trágico do subdesenvolvimento, não só os nossos irmãos longe do gozo dos bens materiais, mas de sua própria realização humana. Apesar dos esforços feitos, nós combinamos a fome e a miséria, doença, tipo maciça, e de mortalidade infantil, o analfabetismo e a marginalização, desigualdade de renda profundas e as tensões entre as classes sociais, os surtos de violência e baixo comparecimento o povo na gestão do bem comum.

II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Medellín, 1968

O amor de Deus que nos dignifica radicalmente se faz necessariamente comunhão de amor com os outros homens e participação fraterna; para nós, hoje em dia, deve tornar-se sobretudo obra de justiça para com os oprimidos, 122 esforço de libertação para quem mais precisa. De fato, “ninguém pode amar a Deus a quem não vê, se não ama o irmão a quem vê” (1 Jo 4,20). Todavia a comunhão e a participação verdadeiras só podem existir nesta vida projetadas no plano bem concreto das realidades temporais, de tal modo que o domínio, o uso e a transformação dos bens da terra, dos bens da cultura, da ciência e da técnica se vão realizando em um justo e fraterno domínio do homem sobre o mundo, tendo-se em conta o respeito da ecologia.

Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 327. Puebla, 1979

Reconhecemos a dramática situação a que o pecado leva o homem. Porque o homem criado bom, à imagem do próprio Deus, senhor responsável da criação, ao pecar, caiu em inimizade com Ele. Dividido em si mesmo, rompeu a solidariedade com o próximo e destruiu a harmonia da natureza. Nisso reconhecemos a origem dos males individuais e coletivos que lamentamos na América Latina: as guerras, o terrorismo, a droga, a miséria, as opressões e injustiças, a mentira institucionalizada, a marginalizado de grupos étnicos, a corrupção, os ataques à família, o abandono de crianças e idosos, as campanhas contra a vida, o aborto, a instrumentalização da mulher, a depredação do meio ambiente, enfim, tudo o que caracteriza uma cultura de morte

Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 9. Santo Domingo, 1992

Conduzida por uma tendência que privilegia o lucro e estimula a competitividade, a globalização segue uma dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos. Concentração não só dos recursos físicos e monetários, mas sobretudo de informação e dos recursos humanos, o que produz a exclusão de todos aqueles não suficientemente capacitados e informados, aumentando as desigualdades que marcam tristemente nosso continente e que mantêm na pobreza uma multidão de pessoas... (62). É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidade para todos. Igualmente, requerem-se novas estruturas que promovam uma autêntica convivência humana, que impeçam a prepotência de alguns e que facilitem o diálogo construtivo para os necessários consensos sociais. (374).

V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 62, 384. Aparecida, 2007

Pregar e promover a urgência de mudanças estruturais profundas nos aspectos políticos e sociais do país é outra contribuição da missão pastoral da Igreja. Porque ela acredita sinceramente que, sem tais mudanças, as raízes estruturais de todo nosso mal-estar sempre permanecerão e que a libertação integral dos salvadorenhos, além de sua conversão pessoal, exige uma mudança profunda em nosso sistema social, político e econômico [...] A Igreja, portanto, sente que não é um crime, mas, pelo contrário, um dever, encorajar e orientar os cristãos que têm a capacidade de se organizar a partir do povo e para o povo. Na força deste mesmo dever, ele também denuncia o pecado das organizações que absolutizam o político e assim impedem o pleno desenvolvimento da pessoa e o respeito aos valores cristãos que foram a inspiração de muitos “organizados”.

São Oscar Romero. 4.A Carta pastoral, 1979.

As sociedades latino-americanas atravessam por problemas estruturais há décadas: camponeses sem terra, famílias sem teto, trabalhadores sem direitos, pessoas cuja dignidade vem sendo pisoteada. Hoje se faz necessária uma mudança de estruturas, porque o sistema social não é mais sustentável. Francisco fala da necessidade de globalizar a esperança em contraposição com a globalização da exclusão, colocando um ponto final na desigualdade e no modelo descartável. Entretanto, uma transformação estrutural deste tipo começa com uma mudança de mentalidade: é necessário abandonar a lógica do acúmulo e avançar para uma administração correta da casa comum. É essencial que os Estados e seus governantes consigam garantir, para todos os seus habitantes, um “bom viver”, sob o princípio do “bem comum”: “os três Ts” (trabalho, terra, moradia), assim como o acesso à educação, saúde, inovação, manifestações artísticas e culturais, comunicação, esporte e lazer¹.

¹ Francisco (2015). *Discurso do Santo Padre no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares. Santa Cruz de la Sierra. 2015.*

Transformar a realidade social com a força do Evangelho no qual o mesmo Jesus se identifica com os famintos, sedentos, migrantes, sem teto (Mateus 25, 35). Assumir este ensinamento radical continua sendo o horizonte das mulheres e dos homens fiéis a Jesus Cristo no início do terceiro milênio da era cristã. A proclamação da “boa nova” de salvação, amor, justiça e paz nem sempre é facilmente aceita no mundo de hoje, nem mesmo em nosso continente, devastado por doenças, guerras, miséria e injustiça. Neste contexto, estamos convencidos de que os estudos sociais sistemáticos ajudarão a Igreja latino-americana a compreender os sinais dos tempos e a responder aos problemas e exigências do nosso tempo. Deste modo, **“com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias... tocando a carne sofredora de Cristo no povo”** (EG 24)

A necessidade de possuir um profundo reconhecimento da realidade econômica, política e cultural, a fim de fazer, a partir daí, as escolhas políticas e estratégicas que esta jornada transformadora exige, torna indispensável a aproximação de nossa Igreja com as ciências sociais e humanas, levando em

conta que o saber científico-técnico-Incluindo o das ciências sociais— tem uma missão de serviço clara, seguindo nossa doutrina social:

Os novos conhecimentos técnicos e científicos devem ser postos ao serviço das necessidades primárias do homem, para que possa crescer gradualmente o patrimônio comum da humanidade.

A plena atuação do princípio da destinação universal dos bens requer, portanto, ações no plano internacional e iniciativas programadas por parte de todos os países: «Torna-se necessário quebrar as barreiras e os monopólios que deixam tantos povos à margem do progresso, e garantir, a todos os indivíduos e nações, as condições basilares que lhes permitam participar no desenvolvimento»». Juan Pablo II, Carta enc. [Centesimus annus], 35: AAS 83 (1991) 837.

O Papa Francisco nos disse desta forma: “o campo científico é parte da sociedade e não deve ser considerada como separada e independente, mas é chamado a servir a família humana e seu desenvolvimento integral”. Com base nisto, expressou o desejo de que a produção de conhecimento beneficiasse a todos, para que “povos da terra tenham saciadas a fome e a sede, sejam curados e formados; a política e a economia dos povos possam dela obter indicações para proceder com maior certeza rumo ao bem comum, em vantagem especialmente dos pobres e necessitados, e rumo ao respeito pelo planeta”².

Como peregrinos desta missão, assim como membros ativos de nossas sociedades, somos chamados a servir o nosso povo e o seu desenvolvimento integral através de pesquisas sobre a realidade social de nossa região. Tal pesquisa visa reconhecer

² Discurso do Papa Francisco aos científicos da Pontifícia Academia das Ciências, Cidade do Vaticano, 12 novembro de 2018.

e elucidar os sofrimentos injustiças, forças e esperanças de nosso povo. Os frutos desta missão de serviço são inúmeros, tanto para nossa Igreja quanto para todo o nosso povo latino-americano. Nosso trabalho é alimentado pelos sonhos do povo de Deus, e assume um compromisso especial com os valores e bens fundamentais que são a base das relações entre os povos, a sociedade e a ciência.

Desta maneira, contando com o valioso trabalho de especialistas no campo científico humanista, comprometidos em dar conta das dívidas sociais que atravessam o continente, e sem a pretensão de fazer uma análise exaustiva dos atuais processos socioeconômicos, político-institucionais e socioculturais, oferecemos através deste estudo uma caracterização de tendências e situações significativas que afetam nossas sociedades e comprometem o trabalho da Igreja latino-americana. Reconhecemos que “Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor” (EG 270).

Nessas situações, afetadas de muitas maneiras pela pandemia Covid-19 e pelas mudanças globais, sentimos sinais da presença e dos planos de Deus em nossa história, o que nos leva a apreciar o caminho que o Celam está tentando seguir em sua nova forma de obrar:

Queremos considerar algumas das grandes tendências que podem ser vislumbradas em nosso continente e, ao mesmo tempo, reconhecer as nuances próprias de cada região, de cada país e de cada Igreja local. Tentamos fazer isso com um olhar analítico e uma atitude crítica diante das mudanças frequentes e aceleradas que estão ocorrendo na realidade social e eclesial. Ao mesmo tempo, é importante estar ciente de que os tempos de mudança mostram um mundo em que diferentes realidades estão conectadas e onde o progresso e as falhas interagem em diferentes dimensões, tempos e espaços da vida. [Doc. R e R. Celam, versão de 13 de abril de 2021].

Neste contexto, somos motivados pelo discernimento dos sinais dos tempos que envolvem a região, mas com um compromisso prático; no que tange as suas implicações econômicas, sociais, políticas e culturais, a ver, ouvir e compreender a partir de uma atitude crítica as realidades vividas por nossas sociedades, a fim de agir em prol de uma transformação estrutural a serviço do desenvolvimento humano integral e do cuidado do lar comum.

Ao fazê-lo, sentimo-nos parte do processo de conversão decisivamente missionária que a Igreja latino-americana está passando, inspirados pelos documentos de Medellín e Aparecida e, especialmente nos últimos tempos, retomando as contribuições do magistério do Papa Francisco, particularmente seus documentos 'Querida Amazônia', 'Laudato si' y 'Fratelli Tutti'.

Neste sentido, este documento examina a realidade da América Latina e do Caribe, reunindo e estendendo a toda a nossa região três dos quatro sonhos do Papa Francisco para nossa Amazônia: i) o "Sonho Ecológico", no qual o Papa destaca a importância de resgatar, preservar e desenvolver a esmagadora beleza natural de nossa casa comum; ii) o "Sonho Social", no qual ele nos desafia a lutar pelos direitos dos mais pobres, dos últimos, onde sua voz é ouvida e sua dignidade promovida; iii) o "Sonho Cultural", no qual o papa sonha com uma sociedade que preserva a riqueza cultural, onde a diversidade das belas formas humanas brilha e progride.

A existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado. (LS 66). O ser humano ainda é capaz de intervir de forma positiva (LS 58); mas nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se (LS 205). [Francisco I, Carta enc. Laudato Si', 58, 66, 205 (2015)].

A pandemia está transformando a complexa realidade de nossas sociedades, e as mudanças que a região experimentará, assim como todo o mundo interconectado, ainda não se manifestaram plenamente. A crise nos mostra que tais mudanças não farão necessariamente do mundo um lugar melhor se não estivermos preparados para ver, julgar e agir com sabedoria. Há uma necessidade urgente de elaborar estratégias para os grupos mais vulneráveis, que estão em risco de uma grave crise humanitária.

Dom. Jorge Lozano
Arcebispo de San Juan de Cuyo
Secretário Geral do Celam



Nossas Dívidas Sociais

A. Necessidade de se ocupar dos problemas estruturais agravados

Ao chegar a este ponto podemos perguntarmo-nos: como pode a Igreja contribuir para a solução dos urgentes problemas sociais e políticos, e responder ao grande desafio da pobreza e da miséria? Os problemas da América Latina e do Caribe, assim como do mundo de hoje, são múltiplos e complexos, e não podem ser enfrentados com programas generalizados. Todavia, a questão fundamental sobre o modo como a Igreja, iluminada pela fé em Cristo, deva agir diante desses desafios, são concernentes a todos nós. Neste contexto, é inevitável falar do problema das estruturas, sobretudo das que criam injustiças. Na realidade, as estruturas justas são uma condição sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade.

Discurso inaugural de Bento XVI, V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Aparecida, 2007.

Quando abordamos o diagnóstico da situação social atual vivida pelos povos da América Latina e do Caribe, o que primeiro aparece é a experiência da fragilidade humana em todos os níveis. Experiência de fragilidade pessoal, diante da morte de entes queridos, do medo de contágio e da maneira como a vida tão facilmente pode ser perdida. Fragilidade na capacidade de enfrentar dificuldades e manter a serenidade em meio à adversidade, e um senso de vida pessoal. Fragilidade

nas relações interpessoais, familiares e comunitárias. A fragilidade das instituições e, em geral, do sistema de vida que levamos, também se tornou evidente.

As sociedades latino-americanas progressam no campo econômico-financeiro, multiplicando as exclusões sociais e esgotando as fontes vitais oferecidas pela sua natureza. Os países da América Latina e do Caribe enfrentam desafios em diversas e complexas dimensões políticas e sociais, tanto na resposta à pandemia quanto na projeção de uma mudança de rumo pós-pandêmica. Como em outras partes do mundo, a riqueza está concentrada nas mãos de grandes potências econômicas e reina a especulação e o lucro financeiro, ignorando o contexto em que elas operam e as consequências de suas ações. O egoísmo do mercado causa danos ainda maiores para o nosso mundo do que os benefícios econômicos, perdendo de vista a realidade de um mundo limitado e finito, no qual o frágil está à mercê dos interesses do mercado.

A propagação da Covid-19 e seus efeitos econômicos, sociais, políticos e ambientais são agravados pelos problemas estruturais da região: principalmente os altos níveis de desigualdade, informalidade laboral, falta de proteção social, degradação ambiental, pobreza e vulnerabilidade. A região também é caracterizada por frágeis e fragmentados sistemas de saúde e proteção social e pela expansão de assentamentos urbanos marginalizados que carecem de acesso a serviços básicos. Também sofre com grandes fluxos migratórios e deslocamentos populacionais, conflitos de vários tipos e é afetado de forma desproporcional pelas consequências da crise climática.

A Covid-19 chega a uma região marcada por uma constante desigualdade social, cujos eixos estruturantes - estrato socioeconômico, gênero, momento no ciclo de vida,

condição étnica, território, situação de deficiência e situação migratório, entre outros - geram cenários de exclusão e discriminação múltipla e simultânea que resultam em maior vulnerabilidade aos efeitos sanitários, sociais e econômicos desta doença. Na área da saúde, essas desigualdades aparecem na cobertura, no acesso efetivo e nos resultados dos serviços de saúde, assim como nas condições estruturais de saúde dos indivíduos e das comunidades.

Entretanto, as desigualdades são frequentemente escondidas pelos problemas relacionados com a disponibilidade de informações. Tornar visíveis as desigualdades na resposta à pandemia é uma tarefa fundamental para o exercício da justiça social. No contexto atual, e da perspectiva dos determinantes sociais da saúde, a deterioração das condições econômicas domésticas, com o consequente aumento da insegurança alimentar (FAO/ CEPAL, 2020), poderia forjar um ciclo vicioso de pobreza e mau estado de saúde para grandes setores da população, o que terá impacto nas sociedades a longo prazo.

De maneira particular, em tempos de crise, os déficits de proteção social podem ter um efeito catastrófico no desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, com impactos críticos no exercício de seus direitos e no desenvolvimento das capacidades humanas. Embora não sejam os mais afetados pela doença em termos de saúde, as crianças, adolescentes e jovens serão talvez uma das principais vítimas desta crise, devido às consequências que o fechamento temporário dos espaços de ensino e a crise econômica e social que afetará suas famílias terão sobre eles.

Os efeitos da pandemia sobre as condições de vida da população são agravados pelo aumento gradual da pobreza e da pobreza extrema, e a taxa de declínio da desigualdade observada nos cinco anos anteriores à crise do coronavírus. Apesar do progresso atingido em termos da redução da pobreza e da desigualdade e da expansão das classes de renda média entre 2002 e 2014, antes da pandemia, o progresso econômico e social da região já mostrava sinais claros de estagnação, e o descontentamento público crescia.

No período de seis anos 2014-2019, o PIB da América Latina e do Caribe havia crescido em média apenas 0,3% ao ano (CEPAL, 2020a), levando a um aumento da indignação,

pobreza e desigualdade. Além disso, desde o final de 2019, os cidadãos de vários países expressaram seu mal-estar, descontentamento e insatisfação com o sistema político e seus atores em grandes manifestações de protesto exigindo maior justiça social. Os efeitos da pandemia do coronavírus (Covid-19) espalharam-se por todas as áreas da vida social na América Latina e no Caribe, alterando a forma como nos relacionamos uns com os outros, paralisando as economias e gerando profundas mudanças nas sociedades. Embora o escopo da pandemia esteja em constante evolução, os dados disponíveis indicam que a América Latina e o Caribe tem sido uma das regiões do mundo mais afetadas pelo coronavírus, tanto em termos do número de casos quanto de mortes. Em 2020, a região abrigava apenas 8,4% da população mundial; em dezembro daquele ano, representava 18,6% das infecções cumulativas da Covid-19 e 27,8% das mortes causadas pela doença (CEPAL, 2021).

Em 2020, as projeções dos indicadores econômicos e sociais na América Latina e no Caribe mostram um cenário muito complexo, ligado tanto a fatores internos quanto externos. Para conter a propagação do coronavírus, evitar o transbordamento dos sistemas de saúde e reduzir as perdas humanas, os governos adotaram medidas de quarentena e distanciamento físico. Em muitos casos, o confinamento da população em suas casas tem sido usado como forma de minimizar os contatos, especialmente aqueles que podem ocorrer a curta distância ou em ambientes fechados, que como foi demonstrado, aumenta a probabilidade de contrair o vírus (CEPAL, 2020b).

Como resultado, setores inteiros da economia viram sua atividade reduzida ou temporariamente reduzida a zero, dependendo da rigidez das medidas adotadas. Por outro lado, houve uma forte queda na demanda dos produtos de exportação da região como resultado de medidas semelhantes no resto do mundo.

Neste sentido, a CEPAL (2020a) estimou que o PIB das economias da América Latina e do Caribe como um todo cairá 7,7%, e a taxa de desemprego aumentará 2,6 pontos percentuais (CEPAL, 2020a). Cada pessoa impedida de

trabalhar por razões fora de seu controle representa um fragmento da Criação deixado por fazer, um plano de Deus frustrado³. Esta grave recessão econômica significará um agravamento das condições de vida, assim como um aumento substancial do desemprego, da pobreza e das desigualdades.

Desta forma, a pandemia parece exacerbar as grandes lacunas estruturais na região. Não há dúvida de que os custos da desigualdade se tornaram insustentáveis e que é necessário reconstruir com igualdade e sustentabilidade, visando a criação de um verdadeiro “bem viver” e o “bem comum”, uma tarefa há muito esperada em nossa região.

B. Necessidade de uma ecologia humana integral para um bom-viver sustentável

A melhor forma de respeitar a natureza é promover uma ecologia humana aberta à transcendência que, respeitando a pessoa e a família, os ambientes e as cidades, segue a indicação paulina de recapitular as coisas em Cristo e de louvar com Ele ao Pai (cf. 1 Cor 3,21-23). O Senhor entregou o mundo para todos, para os das gerações presentes e futuras.

O destino universal dos bens exige a solidariedade com as gerações presentes e as futuras. Visto que os recursos são cada vez mais limitados, seu uso deve estar regulado segundo um princípio de justiça distributiva, respeitando o desenvolvimento sustentável

V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Aparecida, 126, 2007

³ Cardeal Silva Henríquez, Raúl. *Homília do 1 de maio de 1977.*

Os desastres nos ecossistemas, os danos causados na saúde humana e os impactos sobre a economia e as finanças são as arestas de uma única crise. Por isso é necessário passar de uma cultura do descarte para uma cultura do cuidado. É necessária uma mudança estrutural. Tudo está conectado.

Para poder colocar esses temas na agenda pública, é fundamental revelar, analisar e compreender o impacto social de uma crise sem precedentes em nossa região. Para isso, ao longo deste documento, analisam-se as tendências econômicas, sociais, políticas e ambientais anteriores à pandemia, visando dimensionar suas repercussões no cenário Covid-19 em 2020, especialmente em busca de uma ecologia integral para o desenvolvimento humano, social e ambiental sustentável na região. Em função dessa tarefa, abordam-se questões relativas à atividade econômica, o emprego, a segurança social, a pobreza e a desigualdade; bem como os referentes ao meio ambiente, a saúde, o habitat humano e a vida política, com uma perspectiva particular sobre alguns segmentos da sociedade que são chamados de “novos descartados” sociais.

Nesse contexto, o mundo tem que avançar para um modelo de ecologia integral que busque soluções aos problemas da sociedade junto com os problemas do meio ambiente. Na perspectiva de Francisco, a análise dos problemas característicos da humanidade, como a família, o trabalho e a cidade, não deve ser feita sem considerar os problemas ambientais. Não há duas crises separadas, uma do ambiente e outra social, mas uma única e complexa crise econômico-social-ambiental⁴. Essa crise deve ser resolvida com soluções integrais, uma vez que os problemas pelos quais estamos passando não se apresentam isoladamente, mas interagem entre si.

A pandemia revelou as falhas e insuficiências dos sistemas de previdência social e dos regimes de bem-estar social. No entanto, o papel da política pública está sendo revalorizado, e se reconhece o papel do Estado como ator-chave para

⁴ Francisco (2015a). *op cit*

responder aos desafios atuais. A pandemia representa uma oportunidade para tomar um novo rumo de política pública, a fim de construir sociedades mais igualitárias e resilientes, mediante a implementação de políticas universais, redistributivas e solidárias, sob uma perspectiva de direitos (Cepal, 2020b). Sociedades que respeitem a dignidade das pessoas.

Especialmente, espera-se que em nossa região a crise ajude a criar um consenso em torno da necessidade de construir verdadeiros Estados para o “bem-viver” e o “bem comum”, bem como modelos sustentáveis de produção e consumo. Para sair da crise, é necessário repensar o modelo de desenvolvimento e consolidar as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a social, a ambiental e a econômica. Se por um lado os retrocessos previstos em termos sociais e econômicos ameaçam gravemente o cumprimento dos objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, por outro a pandemia tem evidenciado a relevância de seus princípios centrais: a integralidade do desenvolvimento e a interdependência de suas dimensões, bem como o princípio de “não deixar ninguém para trás”.

As políticas sociais têm um papel central como vanguarda na mudança do modelo de desenvolvimento. No âmbito da saúde, a nutrição, as transferências monetárias e a proteção social em geral, as políticas sociais são protagonistas da ação pública para amenizar as carências e atender as necessidades da população em um contexto de crise sanitária e econômica.

E, depois da emergência, terão um papel fundamental no processo de reconstrução. Para reconstruir e transformar com igualdade e sustentabilidade, é imprescindível avançar em um trabalho decente, fomentar a corresponsabilidade nos cuidados e promover a proteção social universal, para assegurar, entre outras coisas, o acesso a sistemas de saúde pública e de aposentadoria de qualidade (Cepal, 2020j).

Na sua última encíclica, Fratelli Tutti, Francisco nos convida a refletir sobre o tipo de solução que se dá ao problema da pobreza. A ajuda por meio do dinheiro tem que ser vista como uma solução provisória, enquanto que o trabalho permite o

exercício da dignidade da pessoa. O trabalho não tem que ser apenas a origem do sustento das pessoas, mas também o caminho para o crescimento pessoal e coletivo⁵.

Em muitos sentidos, a pandemia sacudiu o status quo, e a atual crise pode ser vista como uma “conjuntura crítica”, isto é, como um momento excepcional que redefine o que é possível e até o que é pensável. Isso se deve a que, perante a pressão, as perdas ou os riscos extremos, a maioria dos atores se tornam mais dispostos que antes a mudarem o status quo, abrindo janelas de oportunidade política para as mudanças sociais, econômicas e políticas (Weyland, 2007 y 2008). No contexto da pandemia e suas sequelas, toma uma força maior argumentar que todas as pessoas precisam de um nível básico de bem-estar e de ingressos, independentemente de sua situação e características individuais.

Na busca do bem comum, é fundamental a coordenação entre o Estado e as organizações sociais. A única forma de nos encaminarmos na construção do bem comum é através da ativação dos princípios da solidariedade. No entanto, atualmente são escassos os respaldos políticos na região a um sistema econômico a serviço das pessoas, projetado para o desenvolvimento humano integral, com o protagonismo dos empobrecidos e dos excluídos. Prevalecem ainda o extrativismo, a especulação, a produtividade e o egoísmo econômico.

A lógica do gotejamento não resolve os problemas da inequidade, uma vez que não dispõe de mecanismos que permitam resolver problemas sociais. A fragilidade das economias demonstra que nem sempre o livre mercado é o remédio mais eficiente para salvar uma economia. Há de se promover uma economia ativa, que favoreça a diversidade produtiva, para gerar uma situação de confiança e solidariedade, que propague o ideal de fraternidade especialmente com os pobres e os excluídos. Ter uma economia verdadeiramente solidária envolve repensar a participação social, política e econômica, de modo a incluir todos os

⁵ Francisco (2020), “Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social”. El Vaticano, 2020.

movimentos populares, em sintonia com o funcionamento do Estado, visando a despertar as experiências de solidariedade desde abaixo. Em conjunto, as instituições têm que ser capazes de criar dinâmicas para a inclusão dos últimos da sociedade.

C. Necessidade de uma cultura do encontro

Nunca está terminada a construção da paz social num país, mas é «uma tarefa que não dá tréguas e exige o compromisso de todos. Uma obra que nos pede para não esmorecermos no esforço por construir a unidade da nação e – apesar dos obstáculos, das diferenças e das diversas abordagens sobre o modo como conseguir a convivência pacífica – persistirmos na labuta por favorecer a cultura do encontro que exige que, no centro de toda a ação política, social e econômica, se coloque a pessoa humana, a sua sublime dignidade e o respeito pelo bem comum. Que este esforço nos faça esquivar de toda a tentação de vingança e busca de interesses apenas particulares e a curto prazo».[218] As manifestações públicas violentas, de um lado ou do outro, não ajudam a encontrar vias de saída, sobretudo porque, quando se incentivam – como bem assinalaram os bispos da Colômbia – «as mobilizações dos cidadãos, sempre aparecem claras as origens e objetivos das mesmas; não faltam formas de manipulação política e apropriações a favor de interesses particulares». [219].

Carta Encíclica Fratelli Tutti do santo padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social, 232. Vaticano, 2020.

Diante da complexidade dos contextos sociais, culturais e ambientais, o povo de Deus tem o desafio de ser uma Igreja em saída, hospital de campanha, promotora de irmandade universal e amizade social; da cultura do diálogo e do encontro,

de um novo pacto educativo para um humanismo solidário, de novas formas de construir relações políticas e econômicas em harmonia com a casa comum. O Papa Francisco nos convida a construirmos a “cultura do encontro”, que é uma arte que tem como sujeito e protagonista o povo que transmite com entusiasmo sua forma de viver e estilo de vida. É capaz de construir pontes que incluam a todos.

Na situação excepcional de pandemia e com as demandas da cidadania por uma sociedade mais igualitária e com plenas garantias de direitos, há uma oportunidade para as mudanças. Todavia, para ir além de apenas uma chamada baseada em boas intenções, é importante formularmos com urgência a necessidade de um novo pacto social como instrumento político para mudanças verdadeiramente estruturais. Nesse sentido, é preciso recuperar a política como instrumento para a mudança, como mecanismo para deliberar, dissentir e concordar, para gerar bens públicos e pactos duradouros.

Como processo, o pacto deveria ser uma tentativa explícita, representativa e participativa para abordar assuntos que não têm resposta nos canais habituais, para construir novas pontes entre a sociedade e o Estado. Analiticamente, podem se diferenciar dois grandes componentes de um pacto social. Por um lado, a redistribuição de recursos e oportunidades para o bem-estar; por outro, o reconhecimento das identidades e dos direitos de grupos específicos da população excluídos ou discriminados nos diversos âmbitos da vida social.

De acordo com o contexto, um pacto sociopolítico pode conter elementos de ambas as dimensões, ou focar especificamente em uma delas. O pacto social é um instrumento político que serve para apurar consensos e acordos em médio e longo prazo. Baseia-se no diálogo amplo e participativo, com um papel sólido do conjunto amplo da população. Esse diálogo hoje deve partir do espaço comum que a pandemia nos impõe, isto é, a vulnerabilidade universal perante uma crise sanitária, econômica e social, que requer mecanismos universais de proteção e mitigação.

O pacto requer que os atores façam uma contribuição e que, inclusive, parte dos atores poderosos em termos de seus interesses imediatos façam concessões importantes, visando

uma situação mais estável, proveitosa, legítima e sustentável para toda a sociedade. A experiência histórica indica que os atores poderosos, embora não sejam os únicos, são interlocutores indispensáveis que devem participar de forma ativa e se comprometer com os resultados.

Também devem ser incorporados ativamente os principais movimentos e segmentos sociais, desde os trabalhadores até os segmentos mais marginalizados. É fundamental escutar a voz da sociedade civil, cujas organizações com frequência estão na vanguarda para impulsionar as demandas da cidadania, bem como exigir que o Estado e os atores políticos prestem contas. Nesse aspecto, os jovens são um caudal de mudanças e de transformação, inclusive nos momentos críticos da pandemia. Reconhecer sua riqueza, seu potencial e sua contribuição concreta é fundamental para nos encaminharmos a um novo modelo de desenvolvimento e um Estado de bem-estar.

Um novo pacto social tem que abrir discussões a abordar questões relegadas e até omitidas pelos principais atores econômicos e políticos, com respostas solidárias nos custos e no financiamento. Isso exige pactos fiscais que promovam uma fiscalidade progressiva e sustentável, assegurando recursos constantes e suficientes para o bem-estar e a resiliência da população.

O mundo prévio à chegada da pandemia já apresentava um funcionamento não sustentável. A diferença é que atualmente, mais do que em outras oportunidades, a situação permite questionar a ordem econômica e política mundial, sob a qual se reproduzem tanto a riqueza de uns poucos como a pobreza de amplos segmentos da sociedade. A situação permite trazer para o debate a possibilidade histórica de um modelo de organização humana fundado no “bom-viver” e no “bem comum”, tanto no aspecto econômico quanto no social e ambiental.

De igual maneira, a reconstrução socioeconômica pós-Covid-19 tem que adotar uma perspectiva que vise um modelo de ecologia integral, capaz de encontrar soluções aos problemas da sociedade junto com os problemas do meio ambiente. A realidade regional nos obriga a termos uma perspectiva que vá

além do imediato, buscando benefícios para toda a sociedade tanto no presente como no futuro, e tentando incorporar um novo modelo de produção econômica e reprodução social circular, de modo a garantir um desenvolvimento humano, econômico, social e ambiental sustentável.

Temos a tarefa de reformar as estruturas da sociedade para que ninguém seja excluído, buscando transformar as economias para uma vida próspera que esteja em harmonia com o meio ambiente.

Diante dos desastres econômicos produzidos pela pandemia, o Papa Francisco afirma que é oportuno pensar criativamente uma economia integrada em um projeto político, social, cultural e popular que busque o bem comum para abrir caminhos a oportunidades diferentes (FT 178). A noção de recuperação não pode se limitar a uma volta a um modelo de vida econômica e social desigual e insustentável, no qual uma exígua minoria da população mundial possui a metade da riqueza.

“Terra, teto e trabalho para nossos irmãos e irmãs são direitos sagrados”

Discurso pronunciado pelo Papa Francisco durante o II Encontro Mundial dos Movimentos Sociais e Populares realizado em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 9 de julho de 2015 (fragmento).

Irmãos e irmãs, boa tarde... A Bíblia lembra-nos que Deus escuta o clamor do seu povo e também eu quero voltar a unir a minha voz à vossa: os famosos três “T”: terra, teto e trabalho para todos os nossos irmãos e irmãs. Disse-o e repito: são direitos sagrados. Vale a pena, vale a pena lutar por eles. Que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda a terra.

Em primeiro lugar, começemos por reconhecer que precisamos duma mudança. Quero esclarecer, para que não haja mal-entendidos, que falo dos problemas comuns de todos os latino-americanos e, em geral, também de toda a humanidade. Problemas, que têm uma matriz global e que atualmente nenhum Estado pode resolver por si mesmo. Feito este esclarecimento, proponho que nos coloquemos estas perguntas: – Reconhecemos

nós, de verdade, que as coisas não andam bem num mundo onde há tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem teto, tantos trabalhadores sem direitos, tantas pessoas feridas na sua dignidade? – Reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando explodem tantas guerras sem sentido e a violência fratricida se apodera até dos nossos bairros? Reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando o solo, a água, o ar e todos os seres da criação estão sob ameaça constante. Então, se reconhecemos isto, digamo-lo sem medo: Precisamos e queremos uma mudança. Nas vossas cartas e nos nossos encontros, relataram-me as múltiplas exclusões e injustiças que sofrem em cada atividade laboral, em cada bairro, em cada território. São tantas e tão variadas como muitas e diferentes são as formas próprias de as enfrentar.

Mas há um elo invisível que une cada uma das exclusões. Não se encontram isoladas, estão unidas, por um fio invisível. Conseguimos nós reconhecê-lo? É que não se trata de questões isoladas. Pergunto-me se somos capazes de reconhecer que estas realidades destrutivas correspondem a um sistema que se tornou global. Reconhecemos nós que este sistema impôs a lógica do lucro a todo o custo, sem pensar na exclusão social nem na destruição da natureza? Se isso é assim – insisto – digamo-lo sem medo: Queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos.... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco. Queremos uma mudança nas nossas vidas, nos nossos bairros, no vilarejo, na nossa realidade mais próxima; mas uma mudança que toque também o mundo inteiro, porque hoje a interdependência global requer respostas globais para os problemas locais.

A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença. Hoje quero refletir convosco sobre a mudança que queremos e precisamos. Como sabeis, recentemente escrevi sobre os problemas da mudança climática. Mas, desta vez, quero falar duma mudança noutra sentido. Uma mudança positiva, uma mudança que nos faça bem, uma mudança – poderíamos dizer – redentora. Porque é dela que precisamos.

Sei que buscais uma mudança e não apenas vós: nos diferentes encontros, nas várias viagens, verifiquei que há uma expectativa, uma busca forte, um anseio de mudança em todos os povos do mundo. Mesmo dentro da minoria cada vez mais reduzida que pensa sair beneficiada deste sistema, reina a insatisfação e sobretudo a tristeza. Muitos esperam uma mudança que os liberte desta tristeza individualista que escraviza. O tempo, irmãos

e irmãs, o tempo parece exaurir-se; já não nos contentamos com lutar entre nós, mas chegamos até a assanhar-nos contra a nossa casa. Hoje, a comunidade científica aceita aquilo que os pobres já há muito denunciam: estão a produzir-se danos talvez irreversíveis no ecossistema. Está-se a castigar a terra, os povos e as pessoas de forma quase selvagem. E por trás de tanto sofrimento, tanta morte e destruição, sente-se o cheiro daquilo que Basílio de Cesareia – um dos primeiros teólogos da Igreja – chamava «o esterco do diabo»: reina a ambição desenfreada de dinheiro. É este o esterco do diabo. O serviço ao bem comum fica em segundo plano. Quando o capital se torna um ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez do dinheiro domina todo o sistema socioeconómico, arruína a sociedade, condena o homem, transforma-o em escravo, destrói a fraternidade inter-humana, faz lutar povo contra povo e até, como vemos, põe em risco esta nossa casa comum, a irmã e mãe Terra. Não quero alongar-me na descrição dos efeitos malignos desta ditadura subtil: vós conhecei-los! Mas também não basta assinalar as causas estruturais do drama social e ambiental contemporâneo.

Sofremos de um certo excesso de diagnóstico, que às vezes nos leva a um pessimismo charlatão ou a rejubilar com o negativo. Ao ver a crónica negra de cada dia, pensamos que não haja nada que se possa fazer para além de cuidar de nós mesmos e do pequeno círculo da família e dos amigos.

Que posso fazer eu, recolhedor de papelão, catador de lixo, limpador, reciclador, frente a tantos problemas, se mal ganho para comer? Que posso fazer eu, artesão, vendedor ambulante, carregador, trabalhador irregular, se não tenho sequer direitos laborais? Que posso fazer eu, camponesa, indígena, pescador que dificilmente consigo resistir à propagação das grandes corporações? Que posso fazer eu, a partir da minha comunidade, do meu barraco, da minha povoação, da minha favela, quando sou diariamente discriminado e marginalizado? Que pode fazer aquele estudante, aquele jovem, aquele militante, aquele missionário que atravessa as favelas e os parapeiros com o coração cheio de sonhos, mas quase sem nenhuma solução para os seus problemas? Podem fazer muito. Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos três “T” – entendido? – (trabalho, teto, terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança, mudanças nacionais, mudanças regionais e mudanças mundiais.

Não se acanhem!



Resumo do estudo

A pandemia de Covid-19 chega à América Latina em um cenário de alta complexidade. Anos de baixo crescimento econômico trouxeram como consequência o aumento da pobreza e crescentes tensões sociais. As desigualdades estruturais se aprofundam e se manifestam em altos níveis de informalidade, desproteção social e baixa produtividade. No mesmo sentido, também se revelam problemas críticos no acesso à saúde, a educação e os cuidados.

Multiplicam-se as ofensas sobre as populações mais vulneráveis, como crianças e adolescentes, mulheres, idosos, povos indígenas e afrodescendentes, desocupados estruturais, migrantes, doentes crônicos, pessoas com orientação sexual não heteronormativa, entre outros.

Este documento consta de três seções que buscam analisar o estado da região. A primeira seção, “Sonho Ecológico”, menciona a situação atual da economia, o trabalho, a proteção social, o meio ambiente, a mudança climática, o estado da saúde da população e os sistemas de saúde.

A segunda seção, denominada “Sonho Social”, analisa a problemática da pobreza, a desigualdade, o desamparo social, a marginalidade e a segregação urbana e étnico-racial, os novos descartados sociais (idosos, migrantes, povos originários, grupos étnico-raciais discriminados, pessoas com deficiências, pobres urbanos, trabalhadores sem-terra e pessoas com consumo problemático de substâncias) e a delicada situação das crianças e adolescentes. A última seção, “Sonho Cultural” aborda o estado das democracias e os direitos humanos, bem como as mudanças que estão acontecendo em nossa sociedade.

1. Sonho Ecológico (Aspectos que o afetam)

Economia, trabalho digno e proteção social

A atual concentração de renda e riqueza acontece principalmente pelos mecanismos do sistema financeiro. A liberdade concedida aos investimentos financeiros favorece o capital especulativo, que não tem incentivos para fazer investimentos produtivos de longo prazo, mas busca o lucro imediato nos negócios com títulos públicos, moedas e derivativos. No entanto, segundo a Doutrina Social da Igreja, “o objeto da economia é a formação da riqueza e seu incremento progressivo, em termos não só quantitativos, mas qualitativos: tudo é moralmente correto se está orientado para o desenvolvimento global e solidário do homem e da sociedade na qual vive e trabalha.

O desenvolvimento, na verdade, não se pode reduzir a mero processo de acumulação de bens e serviços. Ao contrário, a pura acumulação, ainda que para o bem comum, não é condição suficiente para a realização de uma autêntica felicidade humana. (CDSI,334).

*V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 69.
Aparecida, 2007*

- ▶ A atividade econômica internacional —entendida como a medição do produto em nível mundial— se manteve estagnada nos últimos dez anos. As economias mais avançadas tendem a cair, com um crescimento de apenas 1,7% em 2019. As economias emergentes e em desenvolvimento também têm tendência a cair, com um crescimento de 3,7% nesse ano, marcando uma desaceleração comparado ao começo da década.
- ▶ O crescimento econômico mundial estimado para o ano 2020 foi de 2,7%. A chegada do Covid-19 e a suspensão das atividades trouxeram como consequência uma queda de 4,4% do PIB mundial, com resultados ainda piores para os países mais avançados (-5,8%). Destaca-se a rápida recuperação da China, com um crescimento de 1,9%. Para 2021, prevê-se um crescimento mundial de 5,2%; mesmo assim, o crescimento do produto não será suficiente para paliar as perdas do PIB per capita, que dá mostras de regressão de até dez anos nos piores casos.
- ▶ A América Latina e o Caribe viveram uma época de expansão durante a primeira década do século XXI, principalmente pelas benéficas condições internacionais para a exportação de produtos primários, com termos de intercâmbio favoráveis. Porém, a década de 2010-2020 apresenta mudanças significativas a respeito da anterior. Por exemplo, 23 das 33 economias regionais estão em queda desde 2014. Para o total da região, o crescimento no ano de 2019 foi de 0,0%, o menor dos últimos quarenta anos. Para 2020, estima-se uma queda de 8,1%, com cifras ainda maiores nas economias dedicadas ao turismo (-9,9%). Desse modo, será necessária uma renovação estrutural da economia para mitigar os custos sociais e produtivos da pandemia. O crescimento projetado para 2021 é de apenas 3,6%.
- ▶ Nesse contexto, uma saída possível para a crise é mediante o fortalecimento de uma economia social, onde se localizam empresas ou empreendimentos com lucros limitados, mutualidades, fundações e organizações sem fins lucrativos, associações econômicas, cooperativas, comunidades de camponeses e indígenas, unidades econômicas familiares, coletivos de produção e comercialização, entre outras, que oferecem vantagens e benefícios para o desenvolvimento econômico e social (incluindo uma melhor distribuição do excedente, gestão eficiente dos bens comuns, inclusão laboral e social e outros benefícios para a coletividade).
- ▶ Os mercados de trabalho não têm tido uma tendência diferente da economia na última década: o estagnamento econômico limita a criação de emprego e aumenta o nível de desemprego. A taxa de desocupação tem se mantido entre 8% e 10% da população ativa da América Latina e o Caribe (ALeC). A taxa de ocupação informal decresceu em 2020, mas isso se explica pela transição dos trabalhadores informais para a inatividade, por causa do confinamento.
- ▶ O emprego também tem sofrido os embates da pandemia em 2020, e os mais prejudicados têm sido os trabalhadores assalariados e os trabalhadores informais. Para 2020 estima-se uma queda de 2,6 pontos percentuais a respeito do ano anterior, com um aumento preocupante da desocupação. Estima-se uma perda de 47 milhões de empregos, com uma taxa de 10% de desocupação. A crise confere uma nova importância à segmentação do mercado de trabalho. A ocupação foi menor no caso das mulheres, que em muitos casos não conseguiram se reincorporar a seus empregos devido às novas demandas do lar, e no caso de pessoas com menor nível de formação, afetadas em suas atividades pelas limitações à circulação.
- ▶ Novas formas de trabalho emergem a partir da experiência do Covid-19. O trabalho remoto foi a opção por excelência em escritórios e escolas; porém, o caminho é longo até que essa modalidade de trabalho possa se estender a toda a população. Em tempos de crise, é importante lembrar que o acesso ao trabalho para todos deve ser um objetivo prioritário. Somos chamados ao trabalho desde a nossa criação, parte do sentido da vida nesta terra, caminho de amadurecimento, de desenvolvimento humano e de realização pessoal.

- ▶ Quanto à proteção social regional, tem havido uma tendência ao aumento na última década, com importantes avanços na cobertura de grupos tradicionalmente excluídos. Em 2017, 61,4% da população latino-americana estava coberta por pelo menos um serviço da proteção social. O início da crise sanitária, social e econômica causada pelo Covid-19 pôs sob os holofotes a importância dos sistemas de proteção social em sociedades com altos níveis de vulnerabilidade como as latino-americanas e caribenhas. A pandemia deu início a uma série de medidas para a proteção social tomadas pelos Estados, que podem ser agrupadas em cinco tipos de medidas: transferências monetárias, transferências em espécie, asseguramento do fornecimento de serviços básicos, proteção social para os trabalhadores e apoio direto a pessoas e famílias.

Meio ambiente e mudança climática

A riqueza natural da América Latina e do Caribe experimenta hoje uma exploração irracional que vai deixando um rastro de dilapidação, inclusive de morte por toda a nossa região. Em todo esse processo, tem enorme responsabilidade o atual modelo econômico, que privilegia o desmedido afã pela riqueza, acima da vida das pessoas e dos povos e do respeito racional pela natureza. A devastação de nossas florestas e da biodiversidade mediante uma atitude predatória e egoísta, envolve a responsabilidade moral dos que a promovem, porque coloca em perigo a vida de milhões de pessoas, em especial do hábitat dos camponeses e indígenas, que são expulsos para as terras improdutivas e para as grandes cidades para viverem amontoados nos cinturões de miséria. Nossa região tem necessidade de progredir em seu desenvolvimento agroindustrial para valorizar as riquezas de suas terras e suas

capacidades humanas a serviço do bem-comum. Porém, não podemos deixar de mencionar os problemas que uma industrialização selvagem e descontrolada causa em nossas cidades e no campo, e que vai contaminando o ambiente com todo tipo de dejetos orgânicos e químicos. Da mesma forma é preciso alertar a respeito das indústrias extrativas de recursos que, quando procedem de maneira a controlar e neutralizar seus efeitos danosos sobre o ambiente circundante, produzem a eliminação das florestas, a contaminação da água e transformam as regiões exploradas em imensos desertos..

V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 473. Aparecida, 2007.

- ▶ A pandemia trouxe consequências para o ambiente e o clima. O aumento da temperatura, o estresse hídrico e as emissões de gases de efeito estufa tiveram um breve lapso de descanso durante o período de confinamento. A diminuição do turismo e das atividades produtivas produziram uma pressão menor sobre os ecossistemas, embora não possamos afirmar que a situação se mantenha quando a pandemia passar.
- ▶ Apesar da pandemia ter diminuído a destruição de diferentes ecossistemas, não aconteceu o mesmo com a degradação da terra. Os incêndios em grande parte da Amazônia e em regiões da América do Sul têm suas consequências sobre a cobertura vegetal. O desmatamento para agricultura não teve descanso durante a pandemia: a Amazônia perdeu 649 km² de floresta nativa durante o lockdown.
- ▶ Não se pode deixar de destacar que o Covid-19 é uma expressão da mudança climática e de suas consequências sobre os ecossistemas mundiais. Um sintoma de uma situação mais profunda. As alterações nos biomas fazem com que os seres humanos tenhamos mais contato com

espécies que antes estavam afastadas, o qual incrementa a nossa vulnerabilidade pela proximidade com novos agentes patogênicos.

- ▶ Essa dimensão global da mudança climática necessita de ações conjuntas para combater seu agravamento nos próximos anos, razão pela qual são necessárias ações coordenadas por todos os governos do mundo. Políticas para a redução do dióxido de carbono e outros gases poluentes, e a redução do uso de fontes de energia não renováveis, serão fundamentais.
- ▶ Ao mesmo tempo, os desastres naturais não foram poucos na região durante o isolamento: destruição pelo terremoto em Porto Rico, devastação como consequência dos furacões Eta e Iota, e períodos de seca prolongada na América do Sul.

Saúde e sistemas de saúde

A Igreja tem feito opção pela vida. Esta nos projeta necessariamente para as periferias mais profundas da existência: o nascer e o morrer, a criança e o idoso, o sadio e o enfermo... (417).

Desde o início da evangelização, esse duplo mandato se tem cumprido. O combate à enfermidade tem como finalidade conseguir a harmonia física, psíquica, social e espiritual para o cumprimento da missão recebida... (418). A saúde é um tema que move grandes interesses no mundo, mas não proporcionam uma finalidade que a transcenda. Na cultura atual a morte não cabe e, diante de sua realidade, trata-se de ocultá-la... (419)

V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 417-419. Aparecida, 2007

A covid-19 nos obriga a analisar a saúde das pessoas que habitam a América Latina e o Caribe. O grupo mais predominante de causas de mortalidade em nível regional são as doenças não transmissíveis, como as cardiovasculares, câncer, diabetes, entre outras. Também se destaca o aumento do sobrepeso e a obesidade, especialmente no México e nas Bahamas. Essas características da população tornam-se possíveis comorbidades diante do Covid-19, o qual incrementa a vulnerabilidade de quem as padece. Cerca de 186 milhões de pessoas na região correm o risco de contrair o Covid-19.

- ▶ As cifras têm aumentado durante o ano de 2020. Atualmente, o continente americano é o que mais casos apresenta, totalizando mais de 55 milhões de contagiados e mais de 1,2 milhão de falecidos. Os países com as cifras mais elevadas são o Brasil, a Argentina, a Colômbia, o México e o Peru.
- ▶ Os baixos investimentos no setor complicam em grande medida o enfrentamento da Covid-19. Isso fica evidente na superlotação de hospitais e clínicas, que atingem níveis máximos de ocupação de leitos de terapia intensiva, bem como a falta de pessoal médico e de enfermagem para o atendimento dos pacientes.
- ▶ As medidas tomadas para o combate da doença têm sido heterogêneas; no entanto, as mais comuns são: declaração do estado de emergência sanitária, fechamento das fronteiras internacionais, promoção de medidas de higiene pessoal mais rigorosas, busca e contato de casos suspeitos, medidas de isolamento e distanciamento social, uso obrigatório de máscara, restrições à circulação e suspensão do transporte.
- ▶ A vacinação contra o Covid-19 é atualmente uma prioridade para os governos no enfrentamento à pandemia. A respeito disso, o Papa Francisco já advertiu sobre a necessidade de que a imunização chegue a todos os cantos do planeta, incluindo os mais desfavorecidos, que frequentemente são esquecidos pelas corporações que distribuem as vacinas.

2. Sonho Social

(Aspectos que o afetam)

Desigualdade, pobreza e desamparo social

Conduzida por uma tendência que privilegia o lucro e estimula a concorrência, a globalização segue uma dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos. Concentração não só dos recursos físicos e monetários, mas sobretudo da informação e dos recursos humanos, o que produz a exclusão de todos aqueles não suficientemente capacitados e informados, aumentando as desigualdades que marcam tristemente nosso continente e que mantêm na pobreza uma multidão de pessoas... (62). Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ela a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não está abaixo, na periferia ou sem poder, mas está fora. Os excluídos não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis”. (65)

V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 62, 65. Aparecida, 2007

- ▶ A pobreza sempre foi um dos maiores problemas dos países da AleC. A solução, de acordo com o Papa Francisco, requer que os governos pensem e atuem em prol da comunidade. As soluções permanentes não advêm de estratégias de contenção para atravessar temporariamente a condição de pobreza. É necessário assumir o presente em sua condição mais marginal e angustiante, e sermos capazes de devolver aos pobres a dignidade.
- ▶ Nas últimas duas décadas tem havido avanços e retrocessos na luta contra a pobreza. As cifras mais altas da década ocorreram no ano de 2002, com a metade da população latino-americana em situação de pobreza. Nos anos seguintes, a tendência foi de queda, marcada pelo ritmo do crescimento econômico da década 2000-2010. Porém, a partir de 2014 as cifras começaram a aumentar em quase toda a região, o qual se evidencia no aumento da pobreza na Venezuela, no Brasil, na Argentina e no Equador.
- ▶ Em 2019, 30% da população regional era pobre, e 11,3% vivia em condições de pobreza extrema. A região apresenta cifras heterogêneas: países como o México e Honduras apresentam cifras em torno de 50% de pobreza, em contraste com a situação de um país como o Uruguai, que possui cerca de 5% de sua população na pobreza.
- ▶ A chegada do Covid-19, acompanhada pela queda econômica e pelo aumento da desocupação, deteriora ainda mais a frágil condição de pobreza na região. A Cepal estimou que em 2020 33% dos latino-americanos seriam pobres, e 12,5% seriam pobres extremos. Essa cifra de pobreza é equivalente à cifra de pobreza regional de 2008, enquanto que a cifra de pobreza extrema é a mais alta desde 1999. Em um cenário sem programas sociais (de acordo com os cálculos da Cepal), a pobreza atingiria 37,2% da população, e a pobreza extrema 15,8%.
- ▶ Entre os países, destaca-se a situação do Brasil, que conseguiu uma queda da pobreza mesmo em situação de pandemia. O pior dos casos foi o argentino, com um aumento de 9,8% de pobreza comparado ao ano anterior. Quanto à pobreza extrema, o Brasil conseguiu uma redução de 4,1% em comparação com o ano anterior, enquanto que em Honduras o aumento foi de 6,1%.
- ▶ No cenário do incremento da pobreza, a consequência também será o aumento da desigualdade. A América Latina já era a região mais desigual do mundo.
- ▶ O índice de Gini (medição da desigualdade dos ingressos que existe entre os cidadãos, onde 0 é uma situação de extrema igualdade e 1 uma situação de absoluta

desigualdade) a média para ALec era de 0,460 em 2019, com países com índice inferior a 0,400 (Argentina e Uruguai) e países com índices superiores a 0,520 (Brasil e Colômbia).

- ▶ A região começou a sofrer a pandemia com três problemas estruturais severos: a alta informalidade, a alta desigualdade e a baixa produtividade, que ao interagirem entre si fazem com que a região seja particularmente vulnerável aos shocks econômicos negativos. Entre 2019 e 2020, a Cepal estima variações regressivas em todos os países da região. Os países com menor variação serão a Guatemala e o Paraguai (entre 1% e 1,9% de variação), enquanto que os países com maior variação serão a Argentina, o Equador e o Peru (6% ou mais de variação no índice de Gini).
- ▶ Como já foi mencionado, a região apresentou importantes avanços em matéria de proteção social, mas essas melhoras têm ocorrido de maneira fragmentada. Em 2019, 38,9% dos latino-americanos não tinham acesso a qualquer tipo de proteção social, o que significa uma situação de desamparo socioeconômico. As privações dessa população deixada de lado pela proteção social não se resolvem unicamente mediante transferências monetárias: situações de superlotação, informalidade, marginalidade e discriminação também são indicadores de desamparo.

Marginalidade, exclusão e segregação social

Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos e latino-americanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa a opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha.

De fato, João Paulo II, dirigindo-se a nosso continente, sustentou que “converter-se ao Evangelho, para o povo cristão que vive na América, significa revisar todos os ambientes e dimensões de sua vida, especialmente tudo o que pertence à ordem social e à obtenção do bem comum.

V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 391. Aparecida, 2007

- ▶ Situações de superlotação e assentamentos informais são problemas compartilhados por todos os países da região. O lugar de residência é um elemento que reforça a desigualdade. A vida nas cidades proporciona mais oportunidades que a vida nos subúrbios e nas periferias. As disparidades inter-regionais surgem a partir das disparidades no ingresso: as famílias de baixa renda acabam se assentando nas periferias, enquanto que as famílias com ingressos mais altos ocupam a cidade.
- ▶ A maioria dos países da América Latina e o Caribe apresentam grandes disparidades de ingresso entre regiões. Essas disparidades inter-regionais parecem similares se medidas em nível de lares – usando o ingresso per capita – ou se utilizam os salários médios. As brechas inter-regionais são maiores nos países mais ricos do que nos países mais pobres.
- ▶ Particular, a região se destaca pela grande parcela da população residente em assentamentos informais. Nos casos mais graves (Nicarágua, Bolívia e Guatemala), mais de 40% da população urbana mora nesse tipo de assentamentos. A chegada do Covid-19 a esses assentamentos carentes de condições básicas de moradia faz com que a doença se propague com maior rapidez, o qual aumenta a vulnerabilidade dessas comunidades devido aos altos níveis de superlotação e à falta de serviços básicos de saneamento.
- ▶ Outro problema importante que se apresenta historicamente em nossa região é a segregação pela cor da pele. A realidade sociodemográfica é complexa devido

à amalgamação de diversos grupos étnicos. A segregação se manifesta na baixa escolaridade e nas dificuldades na inserção ao mercado formal de trabalho. O cenário social do Covid-19 afetou mais as comunidades e grupos marginalizados por motivos de raça, nacionalidade ou condição étnica, que historicamente se encontram fora dos sistemas de proteção social.

- ▶ Uma das problemáticas que mais têm dificultado o acesso tanto a mecanismos de proteção social como à educação e outros serviços é a limitação da língua. Muitas comunidades de povos originários, por não usarem o mesmo idioma do país em que residem, têm ainda mais complicações para o acesso à educação e aos programas de previdência social. Além das consequências sobre a saúde de afrodescendentes e de determinadas minorias nacionais ou étnicas, também tem havido um aumento considerável das injúrias, o assédio e a violência de índole racial em espaço público, dirigidos sobretudo às pessoas de ascendência asiática no contexto da crise atual.

Os novos descartados sociais

A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os toxicodependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos

pele analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem-terra e os mineiros. A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas.

V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 402. Aparecida, 2007

- ▶ No contexto do aumento da pobreza, a desigualdade e a marginalidade, recrudescer a situação dos descartados sociais. A lógica do descarte marginaliza certos grupos da sociedade considerados desnecessários, e essa situação piora durante a pandemia. É importante lembrar a necessidade de abandonar essa lógica e substituí-la por uma nova visão, uma lógica da comunhão, que se afaste da exclusão.
- ▶ Idosos, migrantes, povos originários, pessoas com deficiências e consumo problemático de substâncias, trabalhadores rurais sem-terra, veem pioradas suas condições com a pandemia. No caso dos idosos, a doença os afeta em um estado de maior vulnerabilidade física ao vírus. O desenvolvimento de patologias crônicas e o aumento das limitações funcionais complicam a possibilidade de enfrentar o Covid-19.
- ▶ No âmbito regional, os idosos representam a maior parte dos óbitos por Covid-19. No caso da Colômbia, o México e a Costa Rica, entre 60% e 70% das mortes por Covid-19 têm sido de maiores de 60 anos. Essas cifras são ainda mais altas na Argentina e no Chile, próximas a 85%.
- ▶ Os migrantes representam um drama frequentemente invisibilizado, o qual representa um desafio para as sociedades, os governos nacionais e as igrejas. O Papa Francisco já se referiu à necessidade de acolher, proteger, promover e integrar os deslocados. Em 2019, 40,5 milhões de pessoas na região se encontravam em condição de migrantes. Reconhecem-se dois fenômenos principais de migração no âmbito inter-regional: o movimento de

peças da América Central para o México e os Estados Unidos, e o movimento de venezuelanos aos países do Cone Sul. Outro movimento migratório importante, embora menor, é a migração de haitianos à República Dominicana, Cuba e os Estados Unidos.

- ▶ As migrações no contexto do Covid-19 são limitadas pelo fechamento de fronteiras e pelas medidas de quarentena, mas nem por isso devemos supor que a mobilidade se encontra limitada, dado o caráter involuntário e forçado da migração inter-regional. Entre os grupos especialmente vulneráveis aos efeitos da pandemia, além dos imigrantes indocumentados ou em situação migratória irregular, estão as mulheres migrantes, as crianças e os adolescentes, bem como as pessoas de orientação sexual não heteronormativa.
- ▶ Os povos originários representam 9,8% da população regional, e são também a população com mais incidência da pobreza, concentrada especialmente nas áreas rurais e em territórios afastados. Em todos os países da região há comunidades indígenas em alto risco por sua resistência imunitária menor e pela falta de acesso a atendimento hospitalar. Longe dos hospitais e da atenção médica, as pessoas indígenas da América Latina adoecem e morrem sem acesso aos meios essenciais para sua proteção.
- ▶ Quanto aos trabalhadores rurais sem-terra, a pobreza rural está geralmente associada à falta de trabalho decente na agricultura. Do mesmo modo, a desigualdade na distribuição da terra fica evidente na acumulação por parte de grupos e pessoas privilegiadas. Durante os primeiros meses de 2020, a pandemia teve como consequência um menor dinamismo na produção e exportação de produtos agrícolas, o qual gerou perda de ingressos.
- ▶ Os grupos mais vulneráveis da sociedade, os idosos, as mulheres, os povos indígenas e os pobres são alguns dos segmentos mais excluídos da população, e também são os grupos com a maior proporção de pessoas com deficiências físicas. Em muitos sentidos, sua exclusão se magnifica nesta situação.
- ▶ As pessoas com deficiência têm maior risco diante do Covid-19 devido a suas limitadas possibilidades de se proteger do contágio ou de procurar diagnóstico e

tratamento, além da falta de informação sobre o vírus em formatos acessíveis e da falta de acessibilidade às instituições de saúde. O Covid-19 tem um efeito de tipo acumulativo sobre as pessoas com deficiências, dado que as desvantagens estruturais prévias de pandemia se intensificam pela ausência de ações de proteção à saúde e o bem-estar dos grupos vulneráveis. Uma situação semelhante ocorre com as pessoas que têm problema com o consumo de substâncias ilícitas, que são fisicamente mais vulneráveis ao Covid-19.

Situação das infâncias e das adolescências

Vemos com dor a situação de pobreza, de violência intrafamiliar (sobretudo em famílias irregulares ou desintegradas), de abuso sexual, pela qual passa bom número de nossas crianças: os setores de infância trabalhadora, crianças de rua, crianças portadoras de HIV, órfãos, meninos soldados, e crianças enganadas e expostas à pornografia e prostituição forçada, tanto virtual quanto real. Sobretudo, a primeira infância (0 a 6 anos) requer cuidado e atenção especiais. Não se pode permanecer indiferente diante do sofrimento de tantas crianças inocentes. [...] Por outro lado, constatamos com preocupação que inumeráveis jovens do nosso continente passam por situações que os afetam significativamente: as sequelas da pobreza, que limitam o crescimento harmônico de suas vidas e geram exclusão; a socialização, cuja transmissão de valores já não acontece primariamente nas instituições tradicionais, mas em novos ambientes não isentos de forte carga de alienação; e sua permeabilidade às formas novas de expressões culturais, produto da globalização, que afeta sua própria identidade pessoal e social.

V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 439, 444. Aparecida, 2007

- ▶ É importante também mencionar a situação de uma das populações mais afetadas pela pandemia, com frequência invisibilizada: os 193 milhões de meninos, meninas e adolescentes da América Latina e o Caribe. Calcula-se que no ano de 2019 47,2% dos menores de idade se encontravam em condição de pobreza, e 19,6% em condição de indigência. Essas crianças e adolescentes são o futuro da família humana, e é responsabilidade de todos favorecer seu desenvolvimento integral.
- ▶ Quanto à alimentação dos menores de idade, observa-se uma transição para o consumo de mais açúcares e gorduras, o que decorre em subnutrição infantil e aumento do sobrepeso. No outro extremo, muitas crianças sofrem a emaciação e a falta de vitaminas y minerais. As consequências da subnutrição na infância são para a vida inteira. Uma boa nutrição durante a infância é fundamental para o desenvolvimento cognitivo na infância e na etapa adulta.
- ▶ A pandemia de Covid-19 trouxe consigo uma “pandemia da fome” em nossa região. Com o fechamento das escolas, boa parte dos programas de alimentação escolar foram suspensos, programas esses que beneficiam 85 milhões de meninas e meninos na região. Para uns 10 milhões de crianças, a alimentação que recebem na escola é uma das principais fontes de alimentação segura que recebem durante o dia.
- ▶ A educação é um assunto extensamente mencionado durante a pandemia, e representa uma das maiores preocupações para o futuro. A tendência regional da última década tem sido o aumento da escolarização tanto na etapa pré-escolar quanto no ensino básico primário e secundário. O fechamento dos centros educativos fez com que milhões de estudantes não pudessem assistir a centros de ensino em todos os níveis até o ensino superior e técnico.
- ▶ A mais grave consequência da pandemia não será apenas a situação econômica, mas também o impacto sobre os processos de construção de capital humano. Estima-se que na América Latina e o Caribe se perderam mais de 170 dias de aprendizado (a média mundial é de 40 dias), razão pela qual aumentou o risco de perder o ano inteiro.
- ▶ O ensino a distância, apesar de ser adequado para contornar as problemáticas no curto prazo, é insustentável na maioria dos países da região. Com elevados níveis de pobreza e marginalidade, as sociedades latino-americanas não têm as condições digitais para apoiar o processo de ensino.
- ▶ Ao falarmos da situação das infâncias, faz-se necessário mencionar o estado do trabalho e exploração infantil, manifestações graves da desigualdade. Nossa região é uma das que mais tem avançado no caminho à erradicação do trabalho infantil, conseguindo a redução de mais de 9,5 milhões de crianças que trabalham. Contudo, no ano de 2016 ainda havia mais de 17 milhões de crianças na região ocupadas em atividades econômicas.
- ▶ O Covid-19 tem exacerbado as vulnerabilidades preexistentes: a desaceleração da produção, a falta de emprego, a baixa cobertura da proteção social, a falta de acesso à previdência social e altos níveis de pobreza são condições que favorecem o aumento do trabalho infantil.
- ▶ Em relação com a vulnerabilidade infantil, também é importante nos referirmos às situações de violência doméstica infantil em nossa região. A violência é o resultado de diversos fatores sociais, econômicos, culturais, políticos e ambientais que se manifestam no âmbito individual, familiar e comunitário, e tem muitas manifestações, tanto físicas como sexuais e emocionais. Em nossa região, uma em cada duas crianças menores de 15 anos é submetida a algum tipo de castigo corporal no lar; duas em cada três crianças sofrem algum tipo de disciplina violenta, seja física ou psicológica. Mais de um milhão de adolescentes de sexo feminino entre os 15 e os 19 anos já sofreram algum tipo de violência sexual.
- ▶ A pandemia por coronavírus cria um ambiente propício para o aumento das situações de violência. As limitações às atividades econômicas, o fechamento das escolas, o acesso reduzido aos serviços de saúde e o distanciamento físico podem incrementar a vulnerabilidade e a exposição de crianças e adolescentes à violência.
- ▶ Um problema derivado dos níveis de violência na América Latina e o Caribe é a maternidade na adolescência: nossa região tem a segunda maior taxa de gravidez na adolescência

no mundo. A gravidez precoce tem consequências para as meninas e adolescentes pobres gestantes. As complicações causadas pela gravidez e pelo parto estão dentro das principais causas de mortalidade materna.

- ▶ O início da pandemia de Covid-19 acendeu os alarmes sobre a problemática da gravidez na adolescência. O fechamento das escolas e outras instituições educativas têm como consequência que meninas e adolescentes passem maior tempo em casa, o qual aumenta o tempo de exposição a parentes abusivos.

3. Sonho Cultural (Aspectos que o afetam)

Paz social, democracia e direitos humanos

Não é, pois, por oportunismo nem por afã de novidade que a Igreja, “perita em humanidade”, é defensora dos direitos humanos. É por um autêntico compromisso evangélico, o qual, como sucedeu com Cristo, é sobretudo compromisso com os mais necessitados.

Discurso inaugural de João Paulo II, III Conferência Episcopal de América Latina e do Caribe, Puebla, 1979.

É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja inequidade e onde haja possibilidades para todos. Igualmente, requerem-se novas estruturas que promovam uma autêntica convivência humana, que impeçam a prepotência de alguns e que facilitem o diálogo construtivo para os necessários consensos sociais.

V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 384.

- ▶ O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável-ODS 16, Paz, Justiça e Instituições sólidas, busca promover sociedades justas, pacíficas e inclusivas. A América Latina e o Caribe ainda têm um grande desafio em torno do desenvolvimento de uma verdadeira cultura democrática. A desigualdade e a conflitividade social persistentes, somadas à instabilidade política, a corrupção e a falta de segurança que caracterizam a região têm como consequência baixos níveis de confiança nas instituições ou autoridades, e pouca participação de uma cidadania que se mostra a cada vez mais descontente e cética com a democracia.
- ▶ Ano de 2019 apresentou inúmeras crises nos diferentes países da América Latina e o Caribe. A região foi atingida por uma série de conflitos econômicos, políticos e sociais. Apesar da pandemia, os acontecimentos que começaram em 2019 se reativaram em vários países da região. O Covid-19, longe de diminuir os conflitos, potencializou a instabilidade política da maior parte dos governos da região.
- ▶ A satisfação com a democracia é cada vez menor. Em 2008, a insatisfação era de 51%, cifra essa que cresceu até 71% em 2018. Em nenhum país da região há uma maioria satisfeita. As medições em ALeC para o ano de 2020 dão como resultado um retrocesso, razão pela qual a maioria dos países da região são considerados “democracias imperfeitas ou deficientes”. Só a Costa Rica, o Chile e o Uruguai são avaliadas como “democracias plenas”.
- ▶ No contexto do Covid-19, há uma série de fatores de risco para as democracias: a perda de independência do poder judiciário, o limitado acesso à justiça, as restrições e retrocessos em matéria de liberdade de expressão e a baixa representatividade dos governos eleitos. Será fundamental nos próximos anos resolver esses problemas para fortalecer as democracias. Por outro lado, é pertinente acrescentar um comentário do Santo Padre sobre a atual situação dos países de nossa região: “não há democracia com fome, nem desenvolvimento com pobreza”.
- ▶ Os estados de emergência produziram ampliação dos poderes executivos em uma região que estruturalmente tem uma tendência aos regimes hiper presidencialistas.

A ampliação das atribuições no que tange aos fundos de emergência aumenta o risco de favorecer medidas populistas na atenção das consequências econômicas da pandemia de modo a ganhar apoio público.

- ▶ Diversas eleições acontecerão neste ano. Na eleição presidencial do Equador, o candidato Guillermo Lasso foi declarado vencedor com 52,2% dos votos, contra 47,5% obtido por Arauz, muito próximo do ex-presidente Rafael Correa⁶. No Peru, os apertados resultados levaram Keiko Fujimori (14,5%) e Pedro Castillo (18,1%), respectivamente candidatos de extrema direita e extrema esquerda⁷, para o segundo turno. Na Bolívia, as eleições dos governos departamentais acabaram com desvantagem para o oficialismo, liderado por Luis Arce.
- ▶ As pesquisas e enquetes de opinião pública elaboradas pelo Centro Estratégico Latino-americano de Geopolítica (CELAG) em março de 2021 têm mostrado resultados contundentes sobre a aprovação ou rejeição dos atuais presidentes do Chile, da Argentina e do Peru. No caso chileno, o presidente Sebastián Piñera conta com 71% de imagem negativa e 18,1% de imagem positiva; na Argentina, o presidente Alberto Fernández conta com 50,1% de imagem positiva e 48%,8 de imagem negativa; no Peru, 58,9% das pessoas entrevistadas têm uma imagem negativa do presidente Francisco Sagasti, e 27,8% têm uma imagem positiva.
- ▶ A desigualdade, a corrupção, a violência, a degradação ambiental e o enfraquecimento das instituições são uma realidade costumeira na região. Para milhares de pessoas, essas situações significam violações cotidianas aos direitos humanos. A América Latina e o Caribe são duas das regiões mais perigosas do mundo em matéria de direitos humanos.

⁶ Galindo, J. (11 de abril de 2021). *Ecuador; entre la vieja polarización y el nuevo descontento*.

⁷ BBC News Mundo (12 de abril de 2021). *Elecciones 2021 Perú: la ajustada carrera para definir qué candidatos pasan a segunda vuelta*.

- ▶ O ano de 2019 foi marcado por protestos multitudinários no âmbito regional, os quais foram pacíficos em sua grande maioria. As autoridades geralmente recorreram à repressão, com uso excessivo da força e outras violações dos direitos humanos. Os grupos mais prejudicados pelas transgressões a seus direitos são os migrantes, os movimentos sociais por moradia, terra e trabalho, os setores rurais e urbanos pobres e, inclusive, os jornalistas.
- ▶ O Covid-19 chega a uma região onde os direitos são estruturalmente vulneráveis. Soma-se às deficiências que se apresentam há vários anos a necessidade imperativa de garantir a todos os habitantes o direito à saúde. O modelo predominante na região não satisfaz o direito à saúde que os governos nacionais garantem por lei.
- ▶ Em relação com o funcionamento do Estado durante a pandemia, também é necessário mencionar a situação da corrupção, doença da democracia que afeta vários países da região.

Transparência Internacional elabora anualmente o índice de percepção da corrupção, no qual as cifras próximas a 0 indicam um maior nível de corrupção, e as cifras próximas a 100 indicam corrupção pouca ou inexistente.

Em nossa região, no ano de 2020 foram avaliados 32 países, dando como resultado uma média de 43/100. O Uruguai apresenta a cifra mais alta da América Latina y o Caribe, com 71/100. A Nicarágua, o Haiti e a Venezuela têm os piores indicadores, com resultados entre 10/100 e 20/100.

- ▶ A corrupção está presente em toda a atuação contra o Covid-19, dos esquemas de subornos nos testes, tratamentos e outros serviços sanitários, até a contratação de suprimentos sanitários e a preparação para emergências em geral.
- ▶ A corrupção desvia fundos necessários para o investimento em saúde, o qual deixa populações inteiras sem médicos, materiais sanitários, medicamentos e, em ocasiões, clínicas e hospitais.

Mudanças sociais nas relações familiares, de gênero e geracionais

As novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais profundas. Crescem na lógica do individualismo pragmático e narcisista, que desperta nelas mundos imaginários especiais de liberdade e igualdade. Afirmam o presente porque o passado perdeu relevância diante de tantas exclusões sociais, políticas e econômicas. Para elas o futuro é incerto. Assim mesmo, participam da lógica da vida como espetáculo, considerando o corpo como ponto de referência de sua realidade presente.... Em meio à realidade de mudança cultural, emergem novos sujeitos, com novos estilos de vida, maneiras de pensar, de sentir, de perceber e com novas formas de se relacionar. São produtores e atores da nova cultura. (51) ... Entre os aspectos positivos dessa mudança cultural aparece o valor fundamental da pessoa, de sua consciência e experiência, a busca do sentido da vida e da transcendência. (52).

V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, 51, 52. Aparecida, 2007

- ▶ O sonho cultural também nos faz considerar as mudanças nas relações familiares, de gênero e geracionais. Situações antes invisibilizadas hoje têm maior relevância, como o gênero, as relações familiares e as mudanças nas formas em que nos relacionamos as pessoas de diferentes gerações.
- ▶ A estrutura da família tem sofrido alterações nas últimas décadas: o número de famílias biparentais se reduz, as extensas incluem mais membros da família e as monoparentais vêm em alta. Esse incremento é o resultado de diversos fatores, como o maior número de divórcios, o prolongamento do tempo de vida de solteiro e o aumento das migrações dos membros da família.
- ▶ O Covid-19 impõe mudanças no funcionamento das famílias, que vão de mudanças nas atividades cotidianas devido ao isolamento, modificações econômicas decorrentes da queda da economia, até o aumento da violência intrafamiliar como consequência do confinamento.
- ▶ A pandemia também gera mudanças em nossas relações com outras gerações. As famílias têm tido que se separar dos espaços compartilhados com os mais velhos para evitar as possibilidades de contágio. As famílias que não vivem juntas tiveram que se adaptar à separação total, passando semanas sem ver pais e avós ou limitando o tempo de visita.
- ▶ O Covid-19 também nos chama a refletirmos sobre as mudanças nas relações de gênero. A população que se identifica e se reconhece – publicamente ou não - dentro de alguma orientação sexual ou identidade de gênero não heteronormativa experimenta situações de discriminação, violência e desigualdade. É fato a ser levado em conta que em 24 dos 35 países da América o casamento ou união civil entre pessoas do mesmo sexo não é permitido, e também não existem leis que proíbam a discriminação contra essas pessoas.
- ▶ O Papa Francisco já se expressou sobre esse tema, e mostrou seu apoio às uniões civis entre pessoas do mesmo sexo com uma cobertura legal. As pessoas com orientação sexual não heteronormativa são um grupo particularmente vulnerável ao Covid-19 em alguns países por sua condição de minoria excluída, e sofre especialmente as consequências sanitárias e socioeconômicas da pandemia.
- ▶ Por fim, ao mencionar as mudanças de nossa sociedade, também cabe mencionar a situação de violência contra as mulheres. A realidade das mulheres está definida por elementos estruturais que interagem com o gênero, como os níveis de ingressos, grau de instrução, a gravidez e a família, a etnicidade e a raça; bem como por outros fatores externos, como as desigualdades no mundo do trabalho e a violência de gênero. Durante a pandemia, devido às condições do confinamento, tem aumentado a violência contra as mulheres e as meninas na região.



Contribuição Teológica-Pastoral

Introdução⁸

Diante do atual diagnóstico da situação socioeconômica e ambiental da América Latina e do Caribe, surge a necessidade de propor uma releitura da mesma em chave teológico-pastoral, a partir de nossa confissão de fé na presença e obra do Senhor ressuscitador, em meio à complexidade destas realidades, impulsionando a história rumo à plenitude do Reino⁹: "Saiba que estou sempre convosco até o fim dos tempos" (Mt 28,20).

O objetivo de um discipulado missionário que olha para a realidade de nosso contexto é poder reconhecer, com os olhos da fé, os sinais da presença misericordiosa do Senhor e dos seus planos nele, e poder escutar seus apelos para segui-lo e servi-lo nessa realidade. É uma questão de descobrir sua passagem salvífica na e através da história, como foi exigida à comunidade de crentes em cada época vivida.

O exercício do discernimento evangélico e pastoral sobre a complexidade dos contextos sociais, culturais e ambientais de nosso continente e em tempos de pandemia, deve nos revelar para onde está orientada a ação do Senhor, crucificado e ressuscitado, e nela, onde Ele nos chama a amá-lo e segui-lo como Igreja da América Latina e do Caribe.

⁸ Este documento foi elaborado por Jaime Mancera Casas e Maria del Pilar Silveira, integrantes da Equipe de Reflexão Teológico-Pastoral do Celam

⁹ Cf. DP 274

É uma questão de entender como trazer vida para o nosso território. É o desafio do chamado a todos os fiéis cristãos para ser uma Igreja em movimento, um hospital de campo, uma promotora de fraternidade universal e amizade social, da cultura do diálogo e do encontro, de um novo pacto educativo para um humanismo solidário, de novas formas de construir relações políticas e econômicas em harmonia com a casa comum, apoiando a obra do Senhor Ressuscitado.

Os dados e análises, lidos sob a perspectiva do Evangelho e da fé, e sob a orientação do Espírito Santo, nos levam de uma consciência da situação a um desafio à nossa liberdade responsável, a um reconhecimento do chamado de Deus para trabalharmos juntos como uma comunidade eclesial para a extensão do Reino em meio a estas circunstâncias.

Este discernimento evangélico tem o seu fundamento na confiança no amor de Jesus Cristo, que sempre e incansavelmente toma o cuidado da sua Igreja (cf. Ef 5, 29), Ele que é o Senhor e Mestre, a chave, o centro e o fim de toda a história humana ; nutre-se da luz e da força do Espírito Santo, que suscita por toda a parte e em qualquer circunstância a obediência da fé, a coragem alegre do seguimento de Cristo, o dom da sabedoria que tudo julga e não é julgada por ninguém (cf. 1 Cor 2, 15); repousa sobre a fidelidade do Pai às suas promessas.. (PDV 10)

As seguintes reflexões não pretendem colocar um ponto final nas possibilidades de discernimentos evangélicos sobre a situação atual. Ao contrário, é um convite para realizar muitos

exercícios de discernimento a partir dos diferentes contextos de nossa geografia e compartilhá-los, para que a voz do Senhor ressoe de todos os cantos e nos confirme naquilo que a humanidade espera do discipulado missionário. Mas, sobretudo, que o encontro dialógico, reflexivo e interpretativo com a realidade, à luz da fé, nos leve a uma ação comprometida, sinodal e misericordiosa, de acordo com a vontade do Senhor.

A experiência da fragilidade humana

Quando abordamos o diagnóstico da situação atual em nosso continente, quando lemos e releemos os dados e as análises, o primeiro que aparece, como já foi expresso em outros exercícios reflexivos, é a experiência da fragilidade humana em todos os níveis.

A experiência da fragilidade pessoal, diante da morte de entes queridos, dos medos de ser contagiado e da maneira como a vida tão facilmente pode ser perdida. Fragilidade na capacidade de enfrentar as dificuldades e manter a serenidade em meio à adversidade, e o sentido de vida pessoal. O aumento das situações de negligência ou falta do autocuidado, crise emocional, depressão, ideias suicidas, estresse pós-traumático, agressividade, falam deste fato.

Fragilidade nas relações interpessoais, familiares e comunitárias. Os decretos da quarentena, que obrigaram as pessoas a ficarem confinadas nas suas casas, o fechamento de lojas e empresas e a restrição da vida social cotidiana, escancararam a fragilidade das relações familiares, a falta de profundidade na comunicação, a dificuldade de enfrentar os problemas em conjunto e de construir uma coexistência madura. Reações de tipo individualista, violência intrafamiliar e social, capacidade insuficiente para administrar conflitos, indiferença ou negação da gravidade da situação, aparecem frequentemente.

E também, claro, a fragilidade das instituições e modelos que atualmente regem os diferentes sistemas de vida social. A fragilidade do modelo econômico atual, da economia de

produção e consumo, e também da economia informal. A fragilidade das decisões políticas dos governos, que se viram míopes diante da gravidade e da extensão da crise, sem capacidade suficiente para administrar o problema como um todo. Esta fragilidade põe em questão a legitimidade dos modelos políticos e econômicos atuais e abre uma reflexão sobre a necessidade de pensarmos em nós mesmos de outras formas, de uma ação mais conjunta entre os países e de novas formas de construção de relações sociais.

Uma experiência de fragilidade que também sentimos no interior da vida eclesial; em todos os espaços de sua vida de comunhão e nas suas ações evangelizadoras. Portanto, uma experiência de fragilidade em todos os campos e níveis da vida humana, que contrasta com o imaginário da autossuficiência, da segurança, da vida e do consumo sem limites que a sociedade nos ofereceu, especialmente apoiada pelo desenvolvimento científico, tecnológico e comunicativo.

Mas uma experiência que, em vez de nos afundar, tornou-se uma oportunidade para reencontrar a verdade de nossas vidas, para nos levantarmos e darmos um novo rumo à vida, como o Papa Francisco apontou: « A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de «empacotar» e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiá-los com hábitos aparentemente «salvadores», incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades. Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso «eu» sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.¹⁰ E que, ao

¹⁰ Papa Francisco, *Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia, sexta 27 de março de 2020.*

vivê-la, guiada pela fé, nos ajuda a assumir nossa existência com maior realismo e a nos abrir à experiência da presença salvadora do Senhor Ressuscitado em nossa própria vida.

A experiência da presença salvífica do ressuscitado

O diagnóstico apresentado, que nos mostra a crise social, cultural, econômica, ambiental e política que estamos vivendo, nos fala de muitas vítimas, irmãos e irmãs, que estão sofrendo os impactos negativos desta situação, e que certamente recebem o olhar do Senhor Ressuscitado, que nos mostrou sua opção por aqueles que sofrem, por aqueles que mais experimentam sua própria fragilidade como consequência da injustiça. Por isso nos remetem à confissão da presença do Senhor no meio das luzes e sombras do momento que estamos vivendo.

Reconhecemos que Jesus ressuscitado se tornou próximo e compassivo de tantas vítimas destas crises, para tantas pessoas que sofrem, carregando suas cruzes e as de suas famílias: os doentes e especialmente aqueles não são bem cuidados, sem acesso ou excluídos dos serviços de saúde; as famílias que perderam entes queridos para a pandemia; os desempregados, os trabalhadores informais, ou aqueles que perderam seus empregos; os migrantes, as pessoas deslocadas e as vítimas de catástrofes naturais.; pessoas que entraram em depressão, que tiveram crises nervosas, ideias de suicídio; famílias feridas ou separadas por causa da violência nas suas relações, etc. Uma presença mediada por tantos que simpatizaram e escutaram, estenderam a mão, deram uma mãozinha. Ou por aqueles que fizeram seu trabalho, tais como médicos, enfermeiros, trabalhadores da saúde, funcionários públicos, pessoal da polícia e do exército, e pessoal de abastecimento.

Ele está perto de tantos que são vítimas de um sistema econômico que só promove a busca do lucro e a acumulação de dinheiro, à margem da dignidade humana, do bem comum, do cuidado do lar comum, e que acaba transformando as pessoas em objetos de exploração, de manipulação para a obtenção de fins materiais particulares.

Ele está perto do clamor da terra, antes das ações de devastação, de extrativismo sem limites, de exploração madeireira na Amazônia e em outros lugares, antes das ações poluentes da água e do mau manejo dos resíduos sólidos, antes das mudanças climáticas.

Reconhecemos o Jesus ressuscitado despertando em muitos a compaixão e o compromisso com a caridade, o que tem mitigado de várias maneiras o impacto da pandemia. Promovendo iniciativas e uma rede de solidariedade que tem complementado os esforços dos governos diante dos impactos da pandemia, esforços esses que têm sido insuficientes para atender a todas as necessidades. Construindo pequenas iniciativas que ajudaram muitas famílias a sobreviver em meio à crise, que sustentaram a esperança de muitas. Fatos que, naturalmente, não têm números ou não aparecem nos jornais, ou nos noticiários.

Reconhecemos o Jesus ressuscitado, fazendo com que muitos tomem consciência das crises humanitárias que existem e não foram tratadas, dos graves efeitos negativos causados pelos modelos econômicos atuais, das decisões políticas tomadas sem considerar a verdade das situações e a forma como tudo está conectado. Ele nos ajudou a tomarmos consciência da falta de garantias para o exercício e satisfação de muitos direitos fundamentais, desde antes da epidemia. Como observou um jornalista: “Soubemos que não havia uma única unidade de terapia intensiva em muitas partes de nosso país. Consciência que começa a mover corações e processos de mudança. Pequenas, como uma semente de mostarda, mas elas podem crescer e se tornar a fonte de grandes transformações.

O Senhor Ressuscitado, especialmente através da ação profética do Papa Francisco, gerou uma consciência crítica da gravidade dos problemas que estamos enfrentando e da necessidade e possibilidade de empreender ações de mudança, estruturais e concretas, institucionais, comunitárias e pessoais, para transformar esta crise em uma oportunidade, a fim de escolher sair melhor e, de fato, alcançá-la juntos; para que isso aconteça, desperta em muitas atitudes e gestos de esperança, que se tornam um vento fresco em meio às situações de depressão, tristeza, ceticismo que abundam nestes tempos, particularmente entre as crianças e os jovens.

O Papa Francisco nos diz:

O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar. O Senhor desperta, para acordar e reanimar a nossa fé pascal. Temos uma âncora: na sua cruz, fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz, fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz, fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor. No meio deste isolamento que nos faz padecer a limitação de afetos e encontros e experimentar a falta de tantas coisas, ouçamos mais uma vez o anúncio que nos salva: Ele ressuscitou e vive ao nosso lado. Da sua cruz, o Senhor desafia-nos a encontrar a vida que nos espera, a olhar para aqueles que nos reclamam, a reforçar, reconhecer e incentivar a graça que mora em nós. Não apaguemos a mecha que ainda fumeja (cf. Is 42, 3), que nunca adoce, e deixemos que reacenda a esperança. Abraçar a sua cruz significa encontrar a coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento a nossa ânsia de onipotência e possessão, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar. Significa encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade. Na sua cruz, fomos salvos para acolher a esperança e deixar que seja ela a fortalecer e sustentar todas as medidas e estradas que nos possam ajudar a salvar-nos e a salvar. Abraçar o Senhor, para abraçar a esperança. Aqui está a força da fé, que liberta do medo e dá esperança.¹¹

¹¹ Papa Francisco, *Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia*, sexto 27 de março de 2020.

A Igreja e seu serviço ao mundo contemporâneo

A experiência do Ressuscitado e o grito das vítimas nos desafiam e nos chamam para o compromisso de toda a Igreja, em sua vida de comunhão e em sua missão evangelizadora. A Igreja, como povo de Deus, também reconhece que é solidária com todos os povos e sua história, e é chamada a compartilhar alegrias, esperanças, tristezas e ansiedades (cf. GS1). Por esta razão, os dados que nos são mostrados por uma situação particularmente complexa e dramática, nos convidam como crentes, a refletir sobre o que fizemos e o que podemos fazer, sobre o que o Senhor espera de nós neste momento. Pode haver muitas perguntas, mas seguindo os critérios da *Gaudium et Spes*, podemos agrupá-las, reconhecê-las, entendê-las a partir destas três abordagens:

As situações apresentadas, que foram descritas e analisadas, refletem em primeiro lugar, e de muitas maneiras, que o desrespeito e o desrespeito à dignidade humana, ao seu significado sagrado e inalienável, ao seu caráter relacional e à sua harmonia com a criação, como Cristo nos revelaram, sem nenhuma dúvida está ausente, ou se encontra de maneira insuficientemente, nos critérios que atualmente regem o desenvolvimento econômico em todos os níveis, nas decisões políticas, nas decisões que promovem o progresso científico e tecnológico, assim como nas relações de convivência, gerando uma crise de humanidade em seus próprios fundamentos, e também com repercussões culturais. Uma perda do senso de dignidade humana que gerou um aumento da violação ou garantia insuficiente dos direitos humanos, uma indiferença ou tolerância diante de graves desigualdades sociais, a falta de condições para gerar empregos decentes, o empobrecimento generalizado da maioria e a dinâmica de exclusão, segregação e marginalização que muitos sofrem. Também uma expressão desta falta de senso de dignidade humana é o aumento da violência: violência doméstica, violência de gênero, violência contra crianças, violência na convivência e, naturalmente, a violência estrutural identificada no diagnóstico.

Em segundo lugar, ela nos desafia e coloca muitas questões para reconhecemos a ausência de um horizonte de bem comum, de um princípio social do bem comum compartilhado por muitos¹², que orienta os discernimentos, decisões e ações nas diferentes esferas da vida social e as coloca igualmente a serviço de todos. Pelo contrário, vemos desarticulação quando se trata de enfrentar problemas e gerar ações, a primazia de interesses particulares, visões incompletas de desenvolvimento, apesar de ter como princípio orientador os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Os problemas atingem todas as áreas e espaços da vida social e são agravados pela presença de corrupção. A persistência da desigualdade econômica e social, assim como o aumento da pobreza e da pobreza extrema, são indicadores que demonstram a ausência de um bem comum e nos remetem à concentração de bens nas mãos de poucos, em comparação com uma grande maioria que mal tem a possibilidade de satisfazer suas necessidades básicas.

A insuficiente cobertura sanitária para muitos, assim como as limitações de acesso à educação de qualidade, agravadas pela lacuna na conectividade da Internet, que se tornou visível neste tempo de epidemia, são um exemplo de como não há critério de bem comum nas decisões dos governos quando se trata de garantir estes direitos fundamentais. E claro, sem este critério na cultura democrática, não há interesse para os idosos, nem para os povos nativos, nem para os migrantes e deslocados, nem para as pessoas com deficiências ou habilidades especiais, nem para os camponeses, nem para as pessoas com consumo problemático. Também não há espaço para o interesse nas implicações ambientais dos modelos econômicos e costumes que se enraizaram na população e que afetam a harmonia da convivência humana dentro e com o lar comum.

Em terceiro lugar, surgem questões: Por que chegamos a este ponto? O que é que aconteceu com a gente e que nos trouxe a esta situação crítica de crise humanitária e social? Que sentido tem sido dado a toda a atividade humana por trás desses

¹² Cf. Pontifício Conselho Justiça e Paz, «El principio do bem comum», in *Compêndio da doutrina social da Igreja (2004) Nos. 164-170*.

números e análises? Para onde vamos se continuarmos da mesma maneira, se nada mudar? Quais são os horizontes e ideais que têm mais peso quando se trata de tomar decisões e realizar ações na vida social?

E, naturalmente, surgem questões em relação à Igreja, em relação a nós como comunidade de discipulado missionário e sobre a forma como realizamos nossa missão evangelizadora: o que fizemos ou não fizemos para que essas situações de crise pudessem surgir, qual é nossa parcela de responsabilidade, como sujeito social que somos, nessas circunstâncias descritas? Estas são perguntas que cada um de nós deve fazer a nível pessoal e a nível paroquial, de congregações de vida consagrada, de movimentos e associações de fiéis leigos, de igrejas particulares e como Igreja continental.

Mas, acima de tudo, em vez de concentrar nossa atenção no passado, no momento de crise e nas interpelações que o texto que o descreve, devemos olhar para o futuro. Na atitude de como queremos enfrentar esta crise. O Papa Francisco diz: “Nas dificuldades da vida se revela o próprio coração: sua solidez, sua misericórdia, sua grandeza ou sua pequenez..., mas quando se passa por uma crise, acontece o contrário: ela nos coloca diante da necessidade de escolher. E ao escolher, seu coração é revelado. Vamos pensar no que acontece na história. Quando os corações das pessoas são testados, as pessoas se tornam conscientes do que as estava segurando. Eles também sentem a presença do Senhor, que é fiel e responde ao grito de seu povo. O encontro que se realiza nos dá a possibilidade de um novo futuro.»¹³.

Palavras que se tornam um convite para abraçar a cruz, confiantes de que o que vem desta crise é vida nova e, portanto, ao invés de nos retirarmos, devemos sair para servir aos outros e assim trazer a possível mudança que só nascerá da compaixão e do serviço.¹⁴.

¹³ Papa Francisco, *Soñemos juntos. Un camino a un futuro mejor*, Penguin Random House Grupo Editorial, Bogotá, 2020, p. 1.

¹⁴ Cf. *Ibid*, p. 2.

E é precisamente nestes aspectos que reconhecemos como transversais a todas as manifestações da crise que a Igreja reconhece sua maior contribuição para o mundo. O sentido da dignidade humana, o sentido da comunidade humana e do bem comum, e o sentido da atividade humana em sua legítima autonomia, são os espaços de diálogo e o maior encontro e enriquecimento mútuo entre a Igreja e o mundo, como reconheceram os bispos no Concílio¹⁵.

O Concílio diz: Procurando o seu fim salvífico, a Igreja não se limita a comunicar ao homem a vida divina; espalha sobre todo o mundo os reflexos da sua luz, sobretudo enquanto cura e eleva a dignidade da pessoa humana, consolida a coesão da sociedade e dá um sentido mais profundo à quotidiana atividade dos homens. A Igreja pensa, assim, que por meio de cada um dos seus membros e por toda a sua comunidade, muito pode ajudar para tornar mais humana a família dos homens e a sua história¹⁶.

Portanto, esta situação crítica, em vez de nos afastar, nos confirma na importância da missão que somos chamados a realizar no meio dela.

O Papa Francisco também diz: “Os corações foram postos à prova. A crise tem despertado nova coragem e compaixão em alguns. Alguns foram abalados e responderam com o desejo de reimaginar nosso mundo, outros procuraram ajudar com gestos concretos as dificuldades de tantos que são capazes de transformar a dor de nosso próximo. Isto me enche de esperança de que podemos sair melhor desta crise. Mas precisamos ver claramente, escolher bem e agir de acordo¹⁷.”

¹⁵ Cf. GS 40

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ Papa Francisco, *Soñemos juntos*, o.c., p. 8.

Horizontes e pistas para a ação

Há muitas frentes de ação que requerem trabalho conjunto dentro da Igreja, em espírito de sinodalidade, assim como diálogo interdisciplinar e transdisciplinar com o mundo. Também requer uma ação diferenciada entre os níveis de vida social: o nível pessoal, o nível familiar e comunitário, o nível social, o nível estrutural. É por isso que vemos a necessidade de manter horizontes comuns e critérios gerais que nos permitam manter a unidade na diversidade dos espaços e níveis de ação. Estes horizontes são: horizontes comuns e critérios gerais que nos permitam manter a unidade na diversidade dos espaços e níveis de ação.

Estes horizontes são:

Chamados a promover a fraternidade universal e a amizade social em nossa casa comum

O ser humano, criado por Deus amor, encontra sua plenitude no dom sincero de si mesmo aos outros através do amor expresso de várias maneiras criativas. O desejo de Deus é construir uma única família onde reine um espírito fraterno, respeitando a igual dignidade de todo ser humano que habita na casa comum.

A pandemia mostrou que este sonho de Deus foi despedaçado (FT 10-14), como mostram os dados do diagnóstico sobre a complexa crise sócio-ambiental que estamos vivenciando. Estamos mais sozinhos do que nunca neste mundo super povoado que faz prevalecer os interesses individuais e enfraquece a dimensão comunitária da existência (FT 12). Os desastres nos ecossistemas, os efeitos sobre a saúde humana e os impactos sobre a economia e as finanças são os limites da

mesma crise. É por isso que é necessário passar de uma cultura de descarte para uma cultura de cuidado. Uma mudança sistêmica é necessária. Tudo está entrelaçado.

A Igreja, como Boa Samaritana, tem uma grande tarefa para mostrar com o testemunho do amor misericordioso e com uma liderança influente em nível nacional e internacional sua opção pelo cuidado da vida humana em todas as suas expressões, especialmente a vida dos mais pobres.

É muito atual as palavras de GS 27: Sobretudo em nossos dias, urge a obrigação de nos tornarmos o próximo de todo e qualquer homem, e de o servir efetivamente quando vem ao nosso encontro - quer seja o ancião, abandonado de todos, ou o operário estrangeiro injustamente desprezado, ou o exilado, ou o filho duma união ilegítima que sofre injustamente por causa dum pecado que não cometeu, ou o indigente que interpela a nossa consciência, recordando a palavra do Senhor: «todas as vezes que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mt 25,40)».

Francisco nos convida a acolher e valorizar todas as pessoas, além das fronteiras regionais, sem exclusão de raça, religião, habilidades, sexo, e a defender os direitos fundamentais à saúde, moradia, trabalho, educação, alimentação, entre outros. “Todo o ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente, e nenhum país lhe pode negar este direito fundamental.” (FT 107). Ou seja, é urgente continuar com a defesa da dignidade humana em toda sua diversidade buscando o bem comum, princípios que a Doutrina Social da Igreja desenvolve. (DSI): “Não se fala apenas de garantir a comida ou um decoroso «sustento» para todos, mas «prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos» Isto engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados ao uso comum.” (EG 192).

Nós cristãos somos convidados a buscar modelos econômicos e sociais inclusivos em um mundo globalizado, que respeite a originalidade e diferenças culturais regionais. “Deriva da nossa

fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade.” (EG 186). Nossos esforços devem incluir as periferias, com suas faces diversas. Uma das formas de responder é através do trabalho em rede, juntamente com diversas organizações sociais unidas por um objetivo comum, fortalecendo a tarefa educacional e a luta contra as causas estruturais da pobreza e da desigualdade. É uma tarefa constante, “«enquanto o nosso sistema econômico-social ainda produzir uma só vítima que seja e enquanto houver uma pessoa descartada, não poderá haver a festa da fraternidade universal»” (FT 110).

Os indicadores que descrevem a situação socioeconômica e ambiental na América Latina e no Caribe devem ser interpretados em termos de uma cultura de morte prematura e, ao mesmo tempo, o desafio premente de criar uma cultura de vida e, ao mesmo tempo, com o desafio premente de criar uma cultura de vida. O movimento “Economia de Francisco” com suas doze aldeias e o Pacto Global de Educação respondem à experiência do samaritanismo, que é a resposta evangélica aos gritos da Mãe Terra e dos pobres.

Os sete Objetivos de Laudato Si’ (OLS) previstos na Plataforma de Ação de Laudato si’ conectam a ação eclesial com a Agenda 2030 e suas Metas de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Ali se especifica que a ecologia integral inclui a resposta a esses gritos, mas também a promoção de um novo estilo de vida, uma economia ecológica, uma educação ecológica que salta para uma espiritualidade ecológica e uma defesa política para o bem comum. Sete OLS que, sinergicamente, podem dar impulso ao Jubileu em nossa querida casa comum, à medida que os implementamos nos próximos sete anos

Somos desafiados a uma “recuperação justa” da gestão urgente da “emergência climática” e à consideração dos fatores envolvidos no poliedro eclesial. O grupo de trabalho estabelecido pelo Vaticano para enfrentar a pandemia e empurrar a humanidade para um cenário pós-pandêmico no qual “Fratelli Tutti” cantamos “Laudato Si’” em todas as “queridas” amazônias do planeta, nos inspira a fazer a palavra amanhecer.

Chamados a promover a cultura do encontro no meio dos conflitos

Sabemos que nas nossas sociedades (pp. 101 a 104) há muitos desencontros que geram conflitos, “ao longo da história, os conflitos de interesse entre diversos grupos sociais surgem inevitavelmente e que, perante eles, o cristão deve muitas vezes tomar posição decidida e coerentemente”.

Diante do desafio de desenvolver uma verdadeira cultura democrática (p. 100), contamos com uma Igreja colaborou com a formação do mosaico cultural de nossos povos da América Latina e do Caribe. Neste momento histórico, podemos contribuir projetando “, uma cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos, mas sem a separar da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões. s (cfr. EG 239).

Francisco nos convida a construir a “cultura do encontro”, uma arte que tem como sujeito e protagonista o povo que transmite com entusiasmo sua forma de viver e seu estilo de vida. É capaz de estender pontes, incluindo a todos (cfr. FT 216). Entendendo por povo uma identidade comum feita de laços sociais e culturais (Cfr. FT 157). Baseia-se no princípio de reconhecer o outro como diferente, exercendo um tratamento gentil e solidário, saindo ao seu encontro nas diferentes situações da vida.

A busca da verdade nos dignifica e nos une a uma sociedade ferida por mentiras que corrompem e dividem. Uma proposta é partir do que nos une como uma sociedade diversificada e multicultural, neste caso o desejo de superar a pandemia e os problemas estruturais não resolvidos em nossos países, promovendo o bem-estar coletivo. Temos uma reserva moral que guarda valores de fé cristã autêntica e de um humanismo que se encontra no substrato da fé cristã manifestada na religiosidade popular. “Uma cultura popular evangelizada contém valores de fé e solidariedade que podem provocar o

desenvolvimento duma sociedade mais justa e crente, e possui uma sabedoria peculiar que devemos saber reconhecer com olhar agradecido.” (EG 68). Solidariedade que estamos vendo durante esta pandemia e que se expressa em milhares de iniciativas de solidariedade com as pessoas mais vulneráveis:

A pandemia nos dá a oportunidade de manifestar nossa essência fraterna, pois estamos todos no mesmo barco e “ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos.” (FT 32). O amor ao próximo nos impele a agir diante das emergências humanitárias, assumindo-as com co-responsabilidade, a fim de gerar novos processos de transformação, sendo parte ativa na reabilitação e alívio de sociedades ferida “Não devemos esperar tudo daqueles que nos governam” (cfr. FT 77). Cabe a nós alimentar o que é bom e colocá-lo a serviço do bem comum.

Quando nos encarregamos do que é nosso, assumindo a dor ou o desamparo, descobrimos todo o bem que Deus semeou no coração humano.

A construção da cultura do encontro precisa superar a dialética, com um estilo de vida que busca o bem comum e a paz social, sem perder a identidade de cada um, como explica Francisco em EG 217-237. Esta mesma proposta é sintetizada na FT 215 dizendo: “O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças.

Na realidade, de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias. Quem vive nelas tem outro ponto de vista, vê aspectos da realidade que não se descobrem a partir dos centros de poder onde se tomam as decisões mais determinantes.”

A busca de soluções para problemas é uma oportunidade de unir forças em um objetivo comum, integrando diversos pontos de vista. Esta prática implica flexibilidade e não rigidez, amplitude de mente e coração sabendo que existem caminhos diferentes que levam ao mesmo objetivo.

Chamados a ser artesãos da paz unindo esforços com outros

Desde o Vaticano II, a ênfase tem sido colocada na construção da paz (GS 83), sem esquecer que “a desigualdade e a falta de desenvolvimento humano integral impedem que se gere a paz.” (FT 235). Isto nos desafia a defender políticas que contribuam para a igualdade de oportunidades, especialmente para os mais pobres, para que não surjam novos conflitos sociais.

Jesus, que é a paz em pessoa (cf. Ef 2,14), chama a todos nós que somos batizados, para sermos instrumentos de paz e testemunhas confiáveis da reconciliação. Por esta razão, contamos com o testemunho vivo de nossas comunidades eclesiais que praticam o perdão e a reconciliação, mostrando que a não-violência é possível diante de uma sociedade dividida e polarizada pelo conflito (cf. EG 99-100). Este tipo de testemunha atrai, convence e mostra que a unidade é superior ao conflito. Desta forma, são criados espaços de amizade social onde novas relações interpessoais são recriadas.

Francisco nos convida a ser “percursores de paz que levem a cicatrizar as feridas, há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com inventiva e ousadia, processos de cura e de um novo encontro” (FT 225).

A arte de construir a paz e promover a justiça é um compromisso constante no tempo, em que sendo Igreja, trabalhando em conjunto com várias instituições, não pode esquecer, assim como a defesa dos mais pobres (cf. CA 58). Consiste em colaborar em todo o processo que requer “É um trabalho paciente de busca da verdade e da justiça, que honra a memória das vítimas e abre, passo a passo, para uma esperança comum, mais forte que a vingança” (FT 226). Com nossa vida entregada, proclamamos “o evangelho da paz” (Ef 6,15) dispostos a colaborar com as autoridades nacionais e internacionais para cuidar deste grande bem universal. Em particular, colaborando na proteção e cuidado das vítimas de violência de gênero, criando mecanismos de denúncia e prevenção para os vários tipos de abusos, especialmente aqueles experimentados por mulheres pobres (pp. 120 e 121).

O bem comum é uma construção dinâmica, pois alcançar o consenso respeitando a verdade da dignidade humana é um caminho baseado na prática do diálogo. Francisco dá algumas diretrizes para o diálogo e a amizade social na FT 198: “Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo «dialogar». Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar.” O respeito e a disposição a escutar o ponto de vista do outro é a base fundamental¹⁸. A base deste processo é o amor fraterno que cruza fronteiras e procura integrar-se, sem descartar.

Este exercício requer prática de dentro para fora, do pessoal para a comunidade, da família para a sociedade, do nacional para o internacional. Ela nos compromete como Igreja a sermos educadores da paz, colaborando na formação de cidadãos responsáveis, no diálogo e na solidariedade nas diferentes etapas da vida.

Chamados a promover uma política de fraternidade, responsável, solidária, amiga dos pobres

Sabemos que, em diálogo com o Estado e com a sociedade, a Igreja não tem soluções para todas as questões particulares¹⁹, mas ela pode propor valores fundamentais da vida humana e convicções que podem ser traduzidos em ação política. (cfr. FT 241).

¹⁸ *En CTIS 4.3. La escucha y el diálogo para el discernimiento comunitario, encontramos algunos lineamientos que podemos poner en práctica.*

¹⁹ *El diagnóstico detalla datos sobre la debilidad de la democracia, los derechos humanos, el crimen organizado y la corrupción (pp.101 a 115).*

Quando falamos do “declínio da democracia representativa e do cansaço do modelo econômico que produz desigualdades” (p. 104), temos várias alternativas:

1. *Recuperar o conteúdo do termo popular-povo, desvalorizado e desgastado pelo uso indevido. Desta forma, entenderemos o significado e o valor da democracia como “governo do povo” (FT 155a162) e com o povo.*
2. *A Igreja, respeitando a legítima autonomia da ordem democrática, pode fortalecer o Estado de direito onde os três ramos do governo - legislativo, executivo e judicial - são independentes e equilibrados. Desta forma, garante a defesa dos direitos inalienáveis dos cidadãos.*
3. *Continuar denunciando as violações dos direitos humanos em países que se afastaram do modelo democrático.*
4. *Colaborar na reforma das instituições estatais, superando os vícios de corrupção e ineficiências.*
5. *Promover uma “política saudável” com amplas visões, com uma reformulação abrangente, incorporando em um diálogo interdisciplinar os vários aspectos da crise provocada pela pandemia. (FT 177).*
6. *A política é uma vocação de serviço, diaconia leiga que promove a amizade social para a geração do bem comum. É necessário formar leigos com base na DSC. Recuperar o amor fraterno, especialmente a ternura na política, expressa em ações concretas, próximas, solidárias, dando prioridade aos pobres. “A ternura é o caminho que percorreram os homens e as mulheres mais corajosos e fortes» (FT 194).*
7. *Promover leis que defendam a vida em todas as suas expressões, desde a concepção até a morte digna das pessoas.*
8. *promover leis antidrogas e contra o tráfico de drogas que afeta as populações mais vulneráveis.*
9. *promover políticas sociais cujo objetivo principal seja a família, ajudando-a através da alocação de recursos materiais e educacionais para a educação das crianças e o cuidado dos idosos, evitando sua separação do núcleo familiar e consolidando as relações entre as gerações.*

10. *Incentivar leis salariais que protejam o trabalho sem discriminação de sexo, raça ou religião, protegendo os direitos e a dignidade dos indivíduos.*
11. *Comprometer-se com a defesa da dignidade e dos direitos da mulher, levando em conta que « duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos» (FT 23)*

Diante dos desastres econômicos produzidos pela pandemia, Francisco afirma que é oportuno pensar criativamente em uma economia integrada em um projeto político, social, cultural e popular que busca o bem comum, a fim de abrir o caminho para diferentes oportunidades. (FT 178).

A noção de recuperação não pode ser satisfeita com um retorno a um modelo de vida econômica e social desigual e insustentável, no qual uma minoria minúscula da população mundial possui metade da riqueza²⁰. Insiste em uma economia solidária que leve em conta os mais pobres, reduzindo a dívida externa.

Chamados a incentivar um novo pacto educativo para um humanismo solidário

Todas as crises nos dão a oportunidade de crescer e de extrair benefícios para a construção de um mundo mais humano, solidário, inclusivo, respeitoso com nossa casa comum.

²⁰ Carta do papa francisco aos participantes nos encontros de primavera de 2021 do fundo monetário internacional e do banco mundial, 5-11 de abril 2021, disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/es/letters/2021/documents/papa-francesco_20210404_let-tera-banca-mondiale.html?fbclid=IwAR1jYvV7sQXf8otNDkzE0W7N-GCmc1oYkZdnYHMBq-VviIwjncsKZ6Yiy5UI

Isto só será possível se for feito um novo pacto educacional global e local que treine em um humanismo solidário, em uma nova forma de entender e viver a condição humana, baseada na fraternidade universal, na compaixão e na solidariedade ativa.

Uma educação que nos ensina a valorizar a Vida, porque a VIDA é mais forte que todas as ameaças de morte, é um dom, um presente e nos torna conscientes de que somos seres temporários. Uma educação que nos ajuda a sermos mais humanos, sensíveis, capazes de aceitar nossa vulnerabilidade, necessitados do cuidado dos outros e capazes de cuidar dos outros, aumentando o senso de responsabilidade. “Se eu cuido de mim mesmo, cuido dos outros. Consciência coletiva do cuidado.

Este também é um momento para cultivar nossa fé, para nos abirmos e buscar respostas profundas: Onde está Deus nesta pandemia? Qual é o sentido da vida? Como posso viver plenamente o tempo em que vivo? O que significa a vida eterna e a comunhão dos santos?

O confinamento nos deu a oportunidade de estarmos em solidão, de olhar para dentro de nós mesmos e mudar atitudes, maneiras de nos relacionarmos. De estar “fora de” para estar “dentro de” nós mesmos.

Além disso, também nos deu a oportunidade de exercer a paciência, que é a primeira característica do amor segundo Paulo (1Cor. 13,4), a segunda característica é o serviço. Aqueles que amam são pacientes e prestativos, capazes de suportar suas próprias situações ou as dos outros, sem resignação, em tensão para uma solução que muitas vezes não depende apenas de nossas ações.

Valorizar as coisas essenciais que precisamos viver, não vale a pena acumular coisas materiais se não tivermos saúde, por isso colocamos no lugar certo o valor das coisas, das pessoas, da natureza, dos animais, da vida em todas as suas expressões. Podemos perder tudo, mas se tivermos vida, podemos recomeçar, e caminhos de esperança se abrem.

O confinamento nos fez valorizar a família, o lar como a igreja doméstica onde vivemos juntos, celebramos, trabalhamos, vivemos a vida cotidiana e transmitimos a fé. Isto tornou

possível o exercício do diálogo em nossas famílias, criamos espaços onde é possível praticar a cultura do encontro, reconhecendo o outro.

A distância nos fez valorizar e desejar contato físico, abraços, proximidade, compartilhar face a face, tocar, comer juntos, celebrar. Esta realidade não foi substituída por encontros virtuais que, embora se comuniquem conosco, não substituem o outro, o outro em seu ser e estar, em sua presença física, corporal.

Também os frutos de viver este tempo de “jejum” da Eucaristia em muitas áreas onde a Eucaristia só é celebrada on-line, nos fez conscientes da comunhão espiritual e do encontro com o Senhor em sua Palavra (SC 6). Desta forma é como o corpo do Senhor que nos nutre e nos dá vida. Isso nos fez compreender as comunidades que não têm sacerdotes e são mantidas juntas na fé por leigos que vivem sua fé de uma forma adulta.

A experiência de amar a ponto de dar a própria vida ressurgiu como uma realidade global que vemos nos muitos testemunhos de médicos e pessoal de saúde, da mesma forma que em padres e religiosos que deram suas vidas para cuidar dos doentes.

Um fruto do “jejum do contato físico” tem sido a criatividade das muitas maneiras de se encontrar virtualmente. As pessoas se capacitaram a usar a Internet, especialmente os mais velhos, para se comunicar e compartilhar com sua comunidade. Vemos multidões de iniciativas on-line de vigílias, missas, rosários, peregrinações, todo tipo de ações para manifestar a fé.

É uma manifestação da responsabilidade dos batizados como sujeitos ativos na construção da Igreja. As pessoas estão se identificando com comunidades virtuais internacionais, onde se encontram para refletir, para dialogar, para crescer na fé. A virtualidade nos uniu, derrubando fronteiras e limites territoriais.

A pandemia ressuscita a esperança de que podemos ser infectados de um profundo amor por cada pessoa, com a qual formamos uma família que vive no único lar comum pelo qual somos todos responsáveis por seu cuidado e proteção.

Aproveitemos que: “Neste mundo globalizado ‘os mass media podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna. (...) Particularmente a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus» (FT 205).

Para continuar o diálogo

Como foi apontado, no esforço de reconhecer a presença do Ressuscitado em meio a esta crise, as palavras e gestos do Papa Francisco tiveram um caráter profético, abrindo horizontes e lançando-nos adiante com esperança.

Mais do que terminar este exercício teológico-pastoral, algumas palavras do Papa Francisco para continuar o diálogo são dignas de nota:

«Qual poderia ser meu lugar neste futuro, e como posso torná-lo possível? Duas palavras me vêm à mente: decantar e transcender (...) eu gosto da imagem do peregrino, aquele que decanta e pode transcender. Ele sai de si mesmo, se abre para um novo horizonte, e quando volta para casa não é mais o mesmo, portanto, sua casa não será mais a mesma. É um tempo de peregrinação”»²¹.

²¹ *Papa Francisco, Soñemos juntos, o. c., p. 139.*

Diante do atual diagnóstico da situação socioeconômica e ambiental da América Latina e do Caribe, surge a necessidade de propor uma releitura da mesma em chave teológico-pastoral, a partir de nossa confissão de fé na presença e obra do Senhor ressuscitador, em meio à complexidade destas realidades, impulsionando a história rumo à plenitude do Reino: "Saiba que estou sempre convosco até o fim dos tempos" (Mt 28,20).

O objetivo de um discipulado missionário que olha para a realidade de nosso contexto é poder reconhecer, com os olhos da fé, os sinais da presença misericordiosa do Senhor e dos seus planos nele, e poder escutar seus apelos para segui-lo e servi-lo nessa realidade. É uma questão de descobrir sua passagem salvífica na e através da história, como foi exigida à comunidade de crentes em cada época vivida.



EDITORIAL **CELAM**

Carrera 5 N° 11 8- 31
PBX (571)587 9710 Exts. 307/345/351
editora@celam.org
eventas@celam.org
elibreria@celam.org
Bogotá, D. C., Colombia